

AM

AVE MARIA — REVISTA — ANO XXIV
Nº 6 — junho 1992 — Cr\$ 2.500,00

**CARTA
INDÍGENA**

**FILHOS
DA
TERRA**

ECOLOGIA



ECO - 92

Vamos enriquecer nossos conhecimentos?

Ver, julgar, agir

Alfeu Piso

Obra teológico-pastoral em dois volumes: *Metodologia pastoral e Teologia pastoral*. Uma obra completa para catequistas, religiosos, chefes de equipes pastorais e para todo aquele que tem como objetivo a edificação do Reino de Deus. 196 páginas (2 volumes)
Cr\$ 14.500,00 (cada) - Cód. 0222 (Metodologia) e 0223 (Teologia)



Sensacionais obras da AM edições, são bons motivos para você passar algumas horas agradáveis, através de leituras enriquecedoras!

Livro de orações

Organização: Pe. Mauro Zequin Custódio e Pe. Vitor P. C. dos Santos

Orações para todos os momentos de sua vida. Um livro que o acompanhará em todas as horas.
 960 páginas
Cr\$ 16.000,00 - Cód. 0218



Minhas primeiras orações

Suely Mendes Brazão

São 10 volumes, com ricas ilustrações, em todas as páginas, que apresentam, com fácil e breve linguagem, a história e o significado das principais festas religiosas. No final de cada volume, há uma oração especial para a respectiva data festiva. Uma lembrança inesquecível para crianças e jovens!
 12 páginas (cada volume, que também pode ser vendido separadamente)

Cr\$ 7.500,00 (cada volume)

- 0251 - O Advento
- 0252 - O Natal
- 0253 - A Quaresma
- 0254 - O Domingo de Ramos
- 0255 - A Quinta-feira Santa
- 0256 - A Sexta-feira Santa
- 0257 - A Páscoa
- 0258 - Pentecostes
- 0259 - Maria, mãe de Deus
- 0260 - Deus fez o mundo



Aprendendo a rezar

Suely Mendes Brazão

Série de 10 volumes — também vendidos separadamente — que explicam o significado das palavras e expressões contidas em 10 das principais orações que as crianças repetem a cada dia. Os textos breves e as belas ilustrações coloridas ajudam a despertar na criança um novo interesse em suas "conversas" com Deus através da oração.

Cr\$ 7.500,00 (cada volume)

- 0241 - O sinal-da-cruz
- 0242 - O pai-nosso
- 0243 - A ave-maria
- 0244 - A salve-rainha
- 0245 - O credo
- 0246 - O glória
- 0247 - Oração ao anjo da guarda
- 0248 - Oração pela família e amigos
- 0249 - Oração pela escola
- 0250 - Oração de São Francisco



Brasil: 500 anos

Suely Mendes Brazão

Série de 10 livros (que podem ser adquiridos separadamente) sobre dez dos principais temas da História do Brasil, com textos breves, em linguagem simples, e inúmeras ilustrações coloridas.

Cr\$ 7.500,00 (cada volume)

- 0284. A Nova Terra - Vol. 1
- 0285. Caramuru, o Deus do Trovão - Vol. 2
- 0286. O Grande Pioneiro - Vol. 3
- 0287. Combate ao Invasor - Vol. 4
- 0288. Um Exército contra os Inimigos - Vol. 5
- 0289. O Anhanguera - Vol. 6
- 0290. Zumbi dos Palmares - Vol. 7
- 0291. Se Dez Vidas eu tivesse, Dez Vidas eu daria - Vol. 8
- 0292. Independência ou Morte - Vol. 9
- 0293. Viva a República - Vol. 10



Curso de preparação de ministros extraordinários da Eucaristia

Aury Azélio Brunetti

Uma obra programada em oito "reuniões", com palestras sobre inúmeros temas, tais como: Eucaristia, Evangelização, Celebração e outros. No final, um vocabulário com termos relacionados ao culto e ao ministério.
 96 páginas

Cr\$ 13.500,00 - Cód. 0198



Os salmos: oração da comunidade

Texto: José C. R. Garcia Paredes e Angel Aparício
 Tradução: Geraldo Jarussi

Os salmos constituem um dos mais belos livros da Bíblia, uma excelente leitura para qualquer circunstância da vida de um fiel a Deus. Este livro pretende ajudar o leitor a conhecer e a viver mais profundamente o conteúdo dos salmos para melhor aproveitá-los em suas orações pessoais diárias ou nas celebrações comunitárias.

528 páginas
Cr\$ 30.500,00 Cód. 0119



A Boa Nova de Jesus

Lidiúna Van der Ploeg e Celina de Rezende Pinto

Coleção de quatro volumes - um introdutório e três que seguem os anos litúrgicos A, B e C.

464 pág. (4 volumes)

Cr\$ 4.000,00 (vol. introd.); Cód. 0087
Cr\$ 9.000,00 (cada um dos demais vol).
0088 (Ano A) / 0089 (Ano B) / 0090 (Ano C).

E mais, Ano B e C — Livros da Criança. O aluno é levado a entender a Boa Nova de forma simples e agradável.

Cód. 0281 - Ano B e
Cód. 0296 - Ano C.
Cr\$ 17.500,00 (Cada).



Teologia - Leitura de Paulo

José Penalva

Tomando como referencial a teologia de Paulo, extraída dos Atos dos Apóstolos e das Cartas, o autor fala da atualidade histórica da Teologia da Libertação, numa linguagem simples e acessível.

216 páginas

Cr\$ 20.500,00 - Cód. 0032



Imitação de Cristo

Obra clássica, abordando vários temas reflexivos, que ajudam as pessoas a rever sua própria vida.

482 páginas

Cr\$ 7.500,00 - Cód. 0094



DESEJO RECEBER POR REEMBOLSO POSTAL OS LIVROS:

CÓD	QUANT	CÓD	QUANT	CÓD	QUANT	CÓD	QUANT	CÓD	QUANT

Nome: _____

End.: _____

_____ N° _____

Cidade: _____ Est.: _____

CEP _____ Assin.: _____

Editora Ave-Maria Ltda.

Rua Martim Francisco, 636 - C.P. 54165 01226-000 São Paulo, SP

Para pedidos acima de Cr\$ 50.000,00 haverá um desconto de 20%. Promoção válida até 30/07/92.

4. A IGREJA NO MUNDO

Notícias

5. Os direitos da terra

Garantem o desenvolvimento e vida para todos.

6. Filhos da terra

Não temos consciência de que somos filhos e não senhores da terra.

7. Carta indígena

"O que ocorre com a terra, recairá sobre os filhos da terra".
Há uma ligação em tudo.

9. ECOLOGIA

Balizas para colocar a questão

No fundo é uma questão cultural.

10. Na América Latina, o Deus da Cristandade esteve contra o Deus de Jesus Cristo.

13. A juventude e o sagrado

O surto de religiosidade é expressão de busca da Transcendência.

14. Evangelização — conceitos e confrontos

15. Maria, o feminino e o Espírito Santo

A verdadeira oração pressupõe a fé viva.

16. MEU LAR, MINHA ALEGRIA
Tempo de namoro

19. ALCOOLISMO

A humildade do homem que fundou o "AA"

20. Ide e evangelizai

O primeiro ano da vida pública de Jesus esteve voltada para a pregação às massas.

22. RELIGIÕES

Católicos do Oriente

20. PÁGINA DO CATEQUISTA

A catequese em nossos dias
(continuação)

26. A PALAVRA DE DEUS NA
LITURGIA EUCARÍSTICA

De 05/07 a 26/07/92.

29. RELENDO A BÍBLIA

30. "ECO—92"

Você Sabia?

32. Cântico das Criaturas

A Vida, Sopro Divino

"No princípio Deus criou os céus e a terra. A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas" (Gen 1, 1-2).

Assim a Bíblia começa a descrever a criação. A narrativa pretende mostrar que os seres criados vêm à existência segundo o chamado de Deus, segundo uma ordem crescente de dignidade, até ao homem, imagem de Deus e rei da criação.

A presença do Espírito cria a vida no vazio e caótico e a mantém numa ordem na qual o homem se sobrepõe. Ainda é o mesmo Espírito da Vida que dá força ao homem para manter o equilíbrio em tudo o que diz respeito à vida das criaturas.

Este mês foi marcado pelo grandioso evento, a II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Nunca tantos chefes de Estado e grupos especialistas em meio ambiente e desenvolvimento se encontraram para uma reunião internacional preocupados com a vida do planeta.

A intensão primeira: conservar, proteger e restabelecer a integridade e a saúde do ecossistema da terra. A concretização desse ideal fica na dependência da cooperação e corresponsabilidade dos Estados. Uma proteção especial devem ter os recursos naturais e o meio ambiente dos povos sob opressão ou dominação.

Paralelamente as Organizações Não-Governamentais (ONGs) esperam dos Estados que aos povos indígenas e outros grupos sejam reconhecidos os seus conhecimentos e práticas tradicionais; sejam apoiados em sua identidade e capacidade da gestão ambiental e no desenvolvimento sustentável.

Nesse número a revista AM dá destaque ao tema da ecologia e, com todos, espera por resultados positivos da Eco-92, isto é, que os recursos da terra não sejam desfrutados somente por parte da humanidade ou em detrimento das futuras gerações; que o desenvolvimento e a riqueza do hemisfério norte não sejam feitos às custas da estagnação do hemisfério sul.

Quem dera todos as pessoas a partir dos mais responsáveis, poderosos e ricos tivessem o mesmo espírito do Chefe Seattle, índio norte-americano (Carta Indígena - p.7), cujo entendimento sobre a relação homem e natureza é de interdependência em tudo. Ou, então, como São Francisco cujo "Cântico das Criaturas" (p.32) retrata seu espírito de comunhão e integração com tudo o que Deus criou, consciente de que todos somos parte de um todo.

O Espírito do qual brotou a vida no início da Criação é o mesmo que inspira as pessoas para o bem e para a vida. Com Ele poderemos superar nossa obstinação egoísta e vencer nossa apatia, nossa indiferença com tudo o que nos cerca. Que Ele nos guarde no caminho da vida.

P.C.G.



Novo centro de cultura

O Brasil tem mais um centro de Cultura. Inspirado nos princípios humanistas de MARITAIN, LEBRET, MOUNIER, ALCEU AMOROSO LIMA, TEILHARD DE CHARDIN, GABRIEL MARCEL, FRANÇOIS PERROUX e outros, foi criado com sede no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, o INSTITUTO JACQUES MARITAIN DO BRASIL, vinculando ao Instituto Internacional Jacques Maritain, com sede em Roma. A reunião de instalação realizou-se no dia 14 de mar-

ço do corrente ano, no Mosteiro de São Bento de São Paulo.

Aprovados os estatutos, a Direção do Instituto ficou assim constituída: Presidente, Dom Cândido Padin OSB; Vice-Presidentes, André Franco Montoro (São Paulo), Cândido Mendes de Almeida (Rio de Janeiro), Edgar da Matta Machado (Minas Gerais), Alceu Amoroso Lima Filho (Bahia), Néelson Ribeiro (Região Norte), Nelson Saldanha (Pernambuco), Eurico Borba (Brasília), Euclides Scalco (Paraná), Fernando Gay da Fonseca (Rio Grande do Sul); Secretária Geral, Marina Bandeira; Secretário da Organização, Dom João da Cruz Almeida de OSB; Secretário de Comunicação, Jorge Cunha Lima.

O Instituto promoverá nos próximos meses as seguintes atividades:

1. Reuniões de estudos e debates sobre temas culturais da atualidade em São Paulo, Belo

Horizonte, Rio de Janeiro, Belém, Brasília e outras cidades;

2. A primeira dessas reuniões debaterá o tema: "Situação atual dos Direitos Humanos", com base na obra de MARITAIN, "Os direitos do homem e a lei natural", e será realizada em São Paulo no próximo dia 23 de maio;

3. Promoverá a publicação de um documentário sobre a "Presença de Maritain no Brasil";

4. Estudará a possibilidade de publicar no Brasil a revista "Notes et Documents", já editada na Europa e, em edição para a América Latina, em espanhol, "Notas y Documentos", na Venezuela;

5. Apoiará a publicação ou republicação das principais obras de MARITAIN, acompanhadas de um confronto com a realidade atual.

Maiores informações: Mosteiro de São Bento Cx. P. 118 CEP 01059 - 970 — São Paulo, SP.



Estudos sobre a violência

A organização de um banco de dados sobre a violência, de âmbito nacional, a partir de um projeto em fase de elaboração no Nordeste, será uma das prioridades do Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH), a partir de maio. Os dados recolhidos pelos Centros de Direitos Humanos serão analisados com vistas à adoção de uma estratégia contra as causas da violência. Uma política especial será também implementada em favor das vítimas da criminalidade e das testemunhas dos crimes, habitualmente ameaçadas.

Na área da formação, o (MNDH) aprofundou os estudos e debates sobre a metodologia de práxis, ligando-a à questão do Planejamento Estratégico Situacional. Já na área da Comunicação, as prioridades foram os estudos sobre a Teoria da Comunicação, numa perspectiva crítica; reflexões

AM AVE MARIA é uma publicação da Editora Ave Maria Ltda. (CGC 60.494.200/0001-70) **Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.** Fundada em 28 de maio de 1898. Registrado no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS) nº 14 696
Administração: Hely Vaz Diniz
Preparação e revisão: Avelino S. de Godoy.
Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave-Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01226 - 000) - São Paulo.
Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx P. 54215 (CEP 01296 - 970) - São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo, vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista **Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: Renovação de assinatura: Cr\$ 25.000,00
Assinatura nova: Cr\$ 25.000,00, Números avulso: Cr\$ 2.500,00

Foto da Capa:

"São Francisco"

*Escultura em bronze
criação de Madalena
Schwartz*

Foto: Studio Fotográfico
Hélio Cortez Produções
(011) 262-2111

Os direitos da Terra

Eugênio Menezes

Em 1948, foi assinada a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Na Eco-92 são definidos os direitos da Terra, que garantem desenvolvimento e vida para todos.

O Brasil, cerca de 60% das pessoas hospitalizadas são portadoras de doenças contraídas através da água. Desde 1950, em todo o mundo, 25% das terras cultiváveis e igual quantidade de florestas foram destruídas. Esses fatos são exemplos dos estragos produzidos por um modelo de desenvolvimento que transforma o mundo num verdadeiro lixo.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento representa bem mais que uma reunião de delegações nacionais e chefes de Estado. Ela é fruto de longos anos de trabalho da comunidade internacional para a definição de questões que ameaçam a sobrevivência do planeta.

Para mudar essa situação, desde 1984 a ONU começou a usar o termo "desenvolvimento sustentável". Trata-se de uma forma de desenvolvimento que satisfaça as necessidades dos homens e mulheres de hoje, sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem igualmente suas necessidades básicas de sustento e vida.

Presente e futuro

Desenvolvimento sustentável não significa apenas preservação da natureza. Im-

plica um processo global de transformação, no qual a exploração dos recursos (água, ar, minérios, animais...), a orientação dos avanços tecnológicos e os planos dos cidadãos e dos governos estejam ajustados às necessidades presentes e futuras.

Esta questão gera necessariamente conflitos entre os países mais ricos, do chamado Primeiro Mundo, e os países pobres, do Terceiro Mundo. O Primeiro Mundo, que é responsável por quase metade da poluição do planeta, deveria assumir o custo da despoluição. O assunto tomará outro caminho, para além do confronto, se todos se convencerem de que a vida de 5 bilhões de homens e mulheres é que está em jogo.

Outro tema polêmico é a proposta de um tratado internacional sobre floresta tropical. O Brasil e a Malásia entendem que definições unilaterais nesse campo podem ferir a autonomia dos países sobre o território nacional.

Luta pela vida

A biodiversidade — ampla variedade de espécies vegetais e animais que garantirão novos alimentos, novos medicamentos e novos materiais — também está sendo uma preocupação dos países que possuem florestas. Outro

problema ligado a biodiversidade é a seguinte questão: quem é dono dos conhecimentos científicos sobre a diversidade de espécies naturais?

Os países ricos querem não somente ter acesso, mas também controlar os conhecimentos a respeito da biodiversidade. Se isso continuar ocorrendo, por exemplo, os países pobres continuarão pagando para usar muitos medicamentos que foram descobertos por povos das florestas e indígenas. Volta a questão do desenvolvimento dos países ricos às custas da mão-de-obra barata e do meio ambiente dos países pobres.

Conforme as palavras da teóloga Marília Schüller, da Igreja metodista, a sobrevivência do planeta é uma questão radicalmente ecumênica: "O ecumenismo radical de que precisamos não é radical apenas porque envolve tudo — terra, água, ar, todas as pessoas, a vida vegetal, mas o é também por exigir uma profunda transformação nas concepções e práticas ecumênicas vividas até o momento". Para ela, esse desafio exige que os cristãos "nos juntemos com todos aqueles que lutam pela vida".

(Sem Fronteiras)

Eugênio Menezes é jornalista

sobre as dimensões simbólica e ideológica do processo comunicacional e a capacitação dos responsáveis pelos CDHs em todos os níveis. O Movimento estreitará também seus contatos com outros organismos de direitos humanos que têm atuação mais específica, entre os quais o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (D.A.)

(AGEN)

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos aos senhores assinantes que ao serem visitados por **cobradores de assinaturas** não conhecidos pedissem a credencial. Todos os nossos representantes, têm credenciamento fornecido pela Revista Ave Maria e seus nomes estão relacionados neste aviso.

A SEGUIR ANUNCIAMOS A LISTA DOS NOSSOS COBRADORES AUTORIZADOS:

Alexandre Greggiani (RS); Arnaldo Oliveira Reis (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Genésio Fernandes Lópes (RS); Ildo José Riva (MT); ; José Lázaro Diniz (MG); João Ferreira Menezes (SP); João Batista Teixeira (SP); José Batista Vaz (SP); Sérgio Pierozan (SP); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); José Maria Martins Dias (região nordeste do Brasil); Mauro Donizeti Câmara (SP) e nosso Irmão claretiano Nelson Gustavo Kerntopf (ES, GO e Brasília).

EXIGA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Filhos da terra

Frei Betto

Realizou-se no Rio de Janeiro o circo da Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Houve desfile de chefes de Estado, folclore indígena para registro de fotos e de filmes de turistas ecocêntricos, discussões acadêmicas de como salvar o Planeta. Ah, se tivessem brigado tanto pelos direitos da Terra como o fizeram pelo acesso às verbas! Porém, os preparativos já adulteraram a esperança de que, do Rio, saiam soluções eficazes. A começar pela sonegação do título do evento, apelidado de ECO-92 ou RIO-92. Assim, furta-se ao debate da questão central: como pôr em xeque esse conceito de desenvolvimento que gera a riqueza do Norte e engendra a miséria do Sul.

Em 1950, EUA e URSS somavam 55% do PIB mundial, contra 16% da Comunidade Econômica Européia e 1,5% do Japão. Em 1990, o produto das duas superpotências caiu para 36%, enquanto o da CEE subiu 25% e o do Japão saltou para 12%. Em 1950, a participação dos EUA no comércio internacional era de 16%. Quarenta anos depois, baixou para 10%, enquanto a da CEE subiu de 27 para 37% e a do Japão, de 1,3 para 10%. A América Latina representava apenas 4% do comércio internacional em 1990, sendo que a Suíça sozinha pesava 6%. Da teoria da dependência, passa-se à prática da prescindência. Os países ricos já não necessitam do Terceiro Mundo como fornecedor de mão-de-obra barata nem como mercado de consumo.



Há pouco, fracassaram as negociações financeiras preparatórias da Conferência. A comunidade européia queria que o Banco Mundial tivesse exclusivo controle sobre o Fundo Global para o Ambiente. Ora, o Banco Mundial mais destrói que protege o meio ambiente, denunciaram os países do Terceiro Mundo. Os países do

Sul, representados pelo Grupo dos 77, queriam repartir o Fundo Global com os bancos regionais de desenvolvimento, mas isso foi rejeitado por aqueles que insistem em manter o Norte como único senhor do que deve ou não ser feito no Sul.

Neste modelo, desenvolvimento tem sido sinônimo de agressão ao meio ambiente. Basta ver o Brasil: vivemos num paraíso de potencial hidrelétrico e pagamos caro o transporte rodoviário; temos espaço abundante e erguemos cercas para impedir a presença humana na terra ociosa; poluímos os rios da selva na procura de minérios e os céus da cidade, na busca de lucro. Morremos química e psicologicamente intoxicados e chamamos isso de “desenvolvimento”, quando tudo, à volta, se atrofia a olhos vistos.

Não estamos mergulhados apenas numa crise econômica, mas numa crise de civilização. Que propostas existem para salvar a principal espécie em extinção — os pobres, homens e mulheres impedidos de acesso à vida pela lógica restritiva do capital?

Quando houver consciência de que não temos um corpo, somos um corpo plenificado de espírito; não estamos acima da natureza, somos seu fruto consciente; e de que somos, não senhores, mas filhos da Terra, feitos de matéria estelar, talvez o direito de viver como irmãos não nos pareça tão subversivo.

Frei Betto é escritor

Carta Indígena

“O que ocorre com a terra, recairá sobre os filhos da terra.”

Há uma ligação em tudo

No ano de 1854 o presidente dos Estados Unidos fez a uma tribo indígena a proposta de comprar grande parte de suas terras, em contrapartida a concessão de uma outra “reserva”. O texto da resposta do Chefe Seattle, distribuído pela ONU (Programa para o Meio Ambiente — 72) e aqui publicado na íntegra, tem sido considerado, através dos tempos, como um dos mais belos e profundos pronunciamentos já feitos a respeito da defesa do meio ambiente.

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa idéia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?

Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela faz parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia, são nossos irmãos. Os picos, rochosos, os sulcos úmidos nas campinas, o calor do corpo do potro, e o homem — todos pertencem à mesma família.

Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede mui-

to de nós. O Grande Chefe diz que nos reservará um lugar onde possamos viver satisfeitos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, nós vamos considerar sua oferta de comprar nossa terra. Mas isso não será fácil. Esta terra é sagrada para nós.

Essa água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos a terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada, e devem ensinar às suas crianças que ela é sagrada e que cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos, e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedi-



cariam a qualquer irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção da terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando ele a conquista, prossegue seu caminho. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aqui-

lo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura de seu pai e os direitos de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas como carneiros ou enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto.

Eu não sei, nossos costumes são diferentes dos seus. A visão de suas cidades fere os olhos do homem vermelho. Talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e não compreenda.

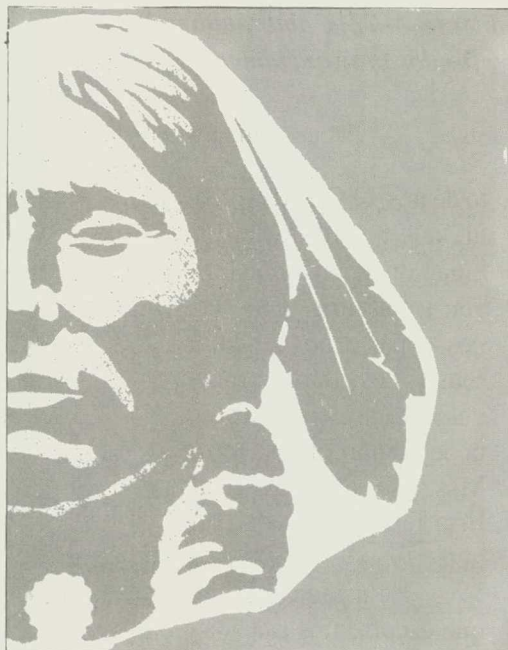
Não há um lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum lugar onde se possa ouvir o desabrochar de folhas na primavera ou o bater das asas de um inseto. Mas talvez seja porque eu sou um selvagem e não compreendo. O ruído parece somente insultar os ouvidos. E o que resta da vida se um homem não pode ouvir o choro solitário de uma ave ou o debate dos sapos ao redor de uma lagoa, à noite? Eu sou um homem vermelho e não compreendo. O índio prefere o suave murmúrio do vento encrespando a face do lago, e o próprio vento, limpo por uma chuva diurna ou perfumado pelos pinheiros.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro — o animal, a árvore, o homem, todos compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Como um homem agonizante há vários dias, é insensível ao mau cheiro. Mas se vendermos nossa terra ao homem branco, ele deve lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar compartilha seu espírito com toda a vida que mantém. O vento que deu a nosso avô seu primeiro inspirar também recebe seu último suspiro. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem mantê-la intacta e sagrada, como um lugar onde até mesmo o homem bran-

co possa ir saborear o vento açucarado pelas flores dos prados.

Portanto, vamos meditar sobre sua oferta de comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo qualquer outra forma de agir. Vi um milhar de búfalos apodrecendo na planície, abandonados pelo homem branco que os alvejou de um trem ao



passar. Eu sou um selvagem e não compreendo como é que o fumegante cavalo de ferro pode ser mais importante que o búfalo, que sacrificamos somente para permanecer vivos.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais, breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo.

Vocês devem ensinar às crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós. Para que respeitem a terra, digam a seus filhos que ela foi enriquecida com as vidas de nosso povo. Ensinem às suas crianças o que ensinamos às nossas, que a terra é nossa mãe. Tudo o que acontecer à

terra, acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspiendo em si mesmos.

Isto sabemos: a terra não pertence ao homem: o homem pertence à terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo.

O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida: ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo.

Mesmo o homem branco, cujo Deus caminha e fala com ele de amigo para amigo, não pode estar isento do destino comum. É possível que sejamos irmãos, apesar de tudo. Veremos. De uma coisa estamos certos — e o homem branco poderá vir a descobrir um dia: nosso Deus é o mesmo Deus. Vocês podem pensar que O pussuem, como desejam possuir nossa terra; mas não é possível. Ele é o Deus do homem, e Sua compaixão é igual para o homem vermelho e para o homem branco. A terra lhe é preciosa, e feri-la é desprezar seu criador. Os brancos também passarão; talvez mais cedo que todas as outras tribos. Contaminem suas camas, e uma noite serão sufocados pelos próprios dejetos.

Mas quando de sua desapareição, vocês brilharão intensamente, iluminados pela força do Deus que os trouxe a esta terra e por alguma razão especial lhes deu o domínio sobre a terra e sobre o homem vermelho. Esse destino é um mistério para nós, pois não compreendemos que todos os búfalos sejam exterminados, os cavalos bravios sejam todos domados, os recantos secretos da floresta densa impregnados do cheiro de muitos homens, e a visão dos morros obstruída por fios que falam. Onde está o arvoredo? Desapareceu. Onde está a águia? Desapareceu. É o final da vida e o início da sobrevivência. (Tradução — Irina O. Bunning)

Balizas para colocar a questão

Clodovis Boff

1. A ecologia supõe uma visão do mundo.

A questão da ecologia é mais:

— Que uma questão puramente **técnica** (como garantir a “biosfera” e a natureza em geral);

— E que uma questão apenas **social** (de modelo econômico e político).

É também isso, mas **mais no fundo é uma questão cultural**, ou seja, de concepção do mundo e de maneira de se comportar frente às coisas. Trata-se, no concreto, de uma “cultura da vida” ou melhor de uma “civilização da vida” (como se vê no hinduísmo, nas culturas indígenas, —africanas?—, em Francisco de Assis, Albert Schweitzer etc.).

Ecologia supõe, pois, uma filosofia de vida verdadeiramente ontológica, particularmente uma sensibilidade biófila — afirmativa da vida em todas as suas dimensões. É a superação do racionalismo ocidental, cujo termo final é o **nihilismo**, como desamor à vida e ao sentido de viver (Nietzsche).

Entendida assim, a questão ecológica se abre à **ética** (justiça ecológica: “tudo o que vive merece viver”) e à **religião** (a espiritualidade com dimensão ecológica), com formas de “cultivo da vida”. Talvez mesmo só num horizonte religioso pode-se dar radicalmente conta da questão da vida enquanto **implica** a questão da **morte** (a morte fazendo **parte** da vida e não seu oposto).

Mas seria exagerado tomar o ecologismo como uma nova religião (vitalista, naturalista, de tipo neo-

panteísta), que pusesse no centro a realidade da natureza ou da vida (eco-centrismo).

2. O princípio antrópico na ecologia.

O “decentramento antropológico” desbanca sem dúvida o **antropocentrismo de dominação**, pelo qual o homem aparece no mundo como déspota, “senhor e mestre da natureza” (Descartes). Mas é possível conceber um novo antropocentrismo - o de comunhão, segundo Gên. 2, onde o homem emerge como administrador responsável do mundo e, por isso, servidor da vida.

Nem todos os seres e viventes se equivalem. Existe uma **hierarquia de vida**, em que pesem certas concepções hinduístas. A “vida do espírito” representa a “seta da evolução” (Teilhard). Mas não valeria aqui também a máxima evangélica: “maior é aquele que serve”? O homem serve à vida ou o homem se serve da vida? Talvez valham as duas coisas.

3. A ecologia está implicada no sistema social.

Colocar a questão da ecologia sem ver seu contexto social é ficar no ambientalismo ou preservacionismo. Importa levantar a questão do sistema social e particularmente do “controle dos meios de produção” (que podem ser também os grandes “meios de des-



truição” ecológica). Há, pois, uma necessária “ecologia social” e uma indispensável consideração econômica (infra-estrutural) da ecologia. Esse é um ponto que frequentemente se deixa na sombra. Ora, são os donos dos grandes meios de produção que são potencialmente os maiores agentes poluidores.

Concretamente, o capitalismo é, por sua “lógica sistêmica”, um modo de produção **predador** (da natureza humana e cosmológica). A ecologia questiona necessariamente esse sistema sócio-econômico. Uma política de tipo “eco-capitalista” não tem condições de resolver a questão ecológica (do ponto de vista das estruturas sociais). Isso não impede que se possam e mesmo se devam apoiar estrategicamente medidas particulares de um Estado capitalista (tombamento de florestas, leis anti-poluição etc.).

É somente num sistema social de “economia democratizada” (socialismo) é que se pode resolver, em termos de estruturas sociais, a questão da ecologia. Dissemos que “se pode”, mas não necessariamente, pois aqui é preciso mais que uma economia socialista; é preciso ainda uma “cultura da vida”. De resto, os países ditos socialistas com toda a evidência não conseguiram resolver essa questão. Com efeito, a ecologia tem uma dimensão social, sim, mas vai além. Nesse sentido, se poderia falar em “ecosocialismo” (socialismo com dimensão ecológica) ou, talvez melhor ainda, em “social-ecologismo” (ecologia com dimensão socialista).

4. Ecologia a partir das maiores pobres

O enfoque correto para tratar da questão **social** da ecologia é a partir dos pobres. Pois é neles que a vida, em sua expressão mais alta (humana, moral e espiritual), se encontra mais ameaçada. Mais que serem agentes poluidores, os pobres são as vítimas do desastre ecológico, pois têm menos meios de se defender.

Este critério é importante dentro da “hierarquia da vida”, pois permitir fazer a crítica ao ecologismo romântico, que luta para defender borboletas e árvores, deixando de lado a imensa maioria dos pobres (o que acontece frequentemente nos círculos liberais e capitalistas).

Isso não dispensa os pobres de se educarem também para a ecologia, seja do ponto de vista da sensibilidade cultural como das técnicas ambientalmente sadias. Pelo fato de serem as maiores vítimas da destruição ecológica, talvez mesmo eles possam vir a ser os protagonistas nesse campo.

Rio de Janeiro, 15 de outubro 1991.

Na América Latina, o Deus da Cristandade esteve contra o Deus de Jesus Cristo

José Maria Vigil

“Por vezes, o Deus da Cristandade esteve contra o Deus de Jesus: pregou más novas, legitimou impérios e escravidões, abençoou a opressão e sistemas econômicos intrinsecamente injustos, destruiu culturas e povos inteiros”. O Padre claretiano, José Maria Vigil, da Nicarágua, reconhece este crime “católico”, no trabalho de divulgação que escreveu sobre a “salvação dos pagãos” e que teve o cuidado de oferecer pessoalmente ao Jornal FRATERNIZAR, para publicação em Portugal. É um Documento que ninguém pode deixar de ler, seja ou não cristão. Porque durante séculos, teólogos e missionários, andaram a ensinar o contrário do que aqui se escreve, o que provocou não poucos males à Humanidade. Aqui se diz, concretamente, “preto no branco”, e em boa teologia libertadora, que o cristianismo não é necessário para a salvação, que fora da Igreja há salvação e que fora da salvação é que não há Igreja, pelo menos, como Deus a quer.

Por favor, não percam. E falem da boa nova que esta reflexão teológica contém, aos vossos conhecidos e amigos. Porque, com ela, todos podemos tornar-nos mais fraternais, mais companheiros, mais ecumênicos, numa palavra, mais homens e mulheres à imagem e semelhança do Deus

que nos criou e, nesse mesmo ato, também nos salvou.

Os indígenas, anteriores a Cristovão Colombo, os habitantes de Abya Yala (hoje, América Latina), eram idólatras? A sua religião, a sua oração, a sua “fé” tinham algum sentido? “Salvavam-se”, ou temos de considerá-los “condenados”?

O tema, hoje, do ponto de vista teológico, está esclarecido no fundamental. Mas esta clarificação mantém-se, muitas vezes, fechada nos centros teológicos, nos institutos missionários e em alguns cristãos culturalmente mais evoluídos. A maioria do povo cristão, a quem a renovação teológica conciliar ainda não chegou, continua a ter no seu subconsciente o medo não confessado de que aqueles pagãos que adoravam o Sol, Tamagastad, ou Que tzalcoatl, eram idólatras e permanecem muito longe da Salvação de Deus.



Desse tema, não é costume falar. Tão pouco ele costuma fazer parte dos programas de catequese ou da pregação, mas nem por isso deixa de estar presente, pelo menos, ao nível do subconsciente.

Trata-se, entretanto, de um tema deveras oportuno para ser refletido, debatido e pregado neste tempo, marcado por esse acontecimento carregado de significado que dá pelo nome de “500 Anos”. Sobretudo, é urgente a sua pregação, com carácter obrigatório, porque se trata de uma “boa notícia”. E, se vivemos numa época de “nova evangelização”, para que ela seja realmente “nova”, diferente da que se fez há cinco séculos atrás, é preciso proclamar incansavelmente esta “Boa Notícia da Salvação dos pagãos”.

O presente texto destina-se, não a teólogos, mas a agentes de pastoral. Pelo que utilizaremos uma linguagem simples e cuidaremos em evitar especulações abstratas.

O que diz a realidade histórica

Em harmonia com o método teológico latinoamericano, é bom que

“começemos por ver o que nos diz a realidade”, neste caso, a realidade histórica. Dela podemos tirar as nossas perguntas vitais. E que é que diz essa realidade histórica?

1. O primeiro catecismo que se escreveu na América Latina (talvez entre 1510 e 1521), o catecismo de Pedro de Córdoba, começa com a revelação de “um grande segredo que vós nunca conhecestes nem ouvistes falar”: que Deus fez o céu e o inferno. No céu, estão todos os que se converteram à fé cristã e viveram corretamente; no inferno, estão “todos os que, entre vós, morreram, todos os vossos antepassados: pais, mães, avós, parentes e quantos existiram e passaram por esta vida; e para lá também ireis vós, se vos não fizerdes amigos de Deus e vos não batizardes e vos não fizerdes, cristãos, porque todos os não cristãos são inimigos de Deus”.

2. Os primeiros franciscanos que, em 1524, chegaram a “Nova Espanha”, para evangelizar os indígenas aztecas, ficaram conhecidos por “os 12 apóstolos do México”. A propósito, possuímos hoje um precioso livro, redescoberto em 1924, graças ao trabalho de investigação de Frei Bernardino de Sahagún, titulado “Os colóquios dos 12 apóstolos”. Aí está recolhido, em língua náhuatl, a última

atuação pública de alguns sábios e sacerdotes aztecas sobreviventes, que defenderam, diante dos missionários, as suas crenças religiosas e a sua forma de vida. Estes haviam-lhes pregado que quanto os antepassados aztecas tinham ensinado e deixado como herança, “é tudo mentira, vaidade, ficção; não contém nada de verdade”. Mais: “Sabei e tende como certo que nenhum dos deuses que adorais é Deus doador de vida; todos são demônios infernais”.

A isto, os sábios aztecas respondem: “Dissestes que não conhecemos, o Senhor, que não eram verdadeiros os nossos deuses. Surpreendente palavra é essa que dizeis. Ficamos perturbados por causa dela, e até incomodados. Porque os nossos progenitores deram-nos as suas normas de vida, honravam os deuses, ensinaram-nos todas as formas de culto, todas as maneiras de honrar os deuses. Era, até, doutrina dos nossos antepassados, a afirmação de que é graças aos deuses que a gente vive. Nós sabemos a quem devemos a vida..., sabemos como é preciso invocar, como é preciso pedir. E, agora, destruiremos esta antiga regra de vida? Já é muito que tenhamos sido derrotados, que nos tenham impedido o nosso governo. Deixem-nos então morrer já, deixem-nos perecer já, porque já morreram os nosso deuses!”.

3. Frei Vicente Valverde, capelão oficial, que acompanhava Francisco Pizarro, naquela que foi de fato a “invasão” do império inca, ordenou a Atahualpa para que adorasse a Deus, a cruz e o Evangelho, “porque tudo o mais (qualquer outra religião) era engano”. Atahualpa respondeu que ele “não adorava senão o Sol que nunca morre e os deuses que também tinha na sua lei”.



4. O famoso missionário jesuíta, Pe. Antônio Viera, podia dizer, na Bahia, Brasil, aos escravos negros: “a vossa escravidão não é uma desgraça, mas um milagre, porque os vossos pais estão no inferno por toda a eternidade e vós, ao contrário, salvastes vos, graças a ela”.

5. Em 1442 (muito antes da ruptura protestante), o Concílio de Florença (não dogmático) tinha afirmado, “firmemente crer, professar e ensinar que nenhum daqueles que se encontram fora da Igreja Católica, não só os pagãos, mas também os judeus, os herejes e os cismáticos, poderá participar na vida eterna. Todos irão ao fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos (Mat 25, 4), a não ser que, antes do fim da vida, sejam incorporados na Igreja. Ninguém, por maiores que sejam as suas esmolas, ou mesmo que derrame o sangue por Cristo, poderá salvar-se, se não permanecer no seio e na unidade da Igreja Católica” (É, no fundo, o sentido que se deu à frase, “Fora da Igreja não há

salvação”, da autoria de S. Cipriano, no séc. IV, para quem, entretanto, tal frase não tinha em absoluto esse sentido).

6. Podemos recordar também que não só os missionários que foram até às “Índias Ocidentais”, mas todos os missionários cristãos, durante muitos séculos, pensaram da mesma maneira. O famoso Francisco Xavier, por exemplo, foi até às “Índias Orientais”, na convicção de que quem não escutasse e aceitasse o Evangelho, ficaria privado de salvação. Os missionários protestantes que foram para as Américas, bem como os que partiram para África e Ásia, não pensavam de outro modo. Estamos, pois, em presença de um padrão de pensamentos comum a toda a família cristã de então.

Para que serve o Cristianismo?

A partir desta realidade histórica, sublinhemos as questões teórico-práticas nela implicadas. São as seguintes:

As religiões indígenas, anteriores à chegada de Colombo (e as religiões não cristãs, em geral), têm algum valor salvífico? Continham algo de verdade? A oração e a religião dos indígenas eram acolhidas por Deus? Ou eram idolatria?

Porque razão os indígenas, antes da chegada de Colombo, não conheceram Cristo? Será que Deus, durante milhares de anos, nunca lhes falou? Será que Deus, durante séculos, permaneceu “limitado” às fronteiras do mundo judeu?

Se Cristo trouxe a Salvação, e estas religiões não O conheceram, essa Salvação também é para elas? Não será uma injustiça da parte de Deus, privar esses povos de algo essencial para a salvação? Ou será que o conhecimento de Cristo não é **essencial** para

a salvação? Por outras palavras, é preciso sermos cristãos para nos salvarmos?

E, se não é preciso, então para que serve o cristianismo? Mais: A evangelização e a ação missionária têm sentido?

E como deveria ter sido a evangelização? Como deve ser hoje a nossa evangelização e a “nova evangelização”?

Vamos, pois, refletir teologicamente sobre estas questões centrais que nos inquietam, a partir da nossa realidade histórica. Fá-lo-emos de forma progressiva. Nos estreitos limites que este estudo nos permite. Como quem abre perspectivas, para que as Comunidades possam prosseguir uma reflexão posterior, porventura, mais desenvolvida.

No próximo número daremos continuidade a este artigo.

Jovem, Ser amparo é uma tarefa!



Nossa missão é Servir o reino de Deus em:

- escolas domésticas
- creches
- escolas de 1º e 2º graus
- hospitais paroquiais.

Você que ser irmã franciscana do amparo

Escreva para:

1). **Congregação das Irmãs Franciscanas de Nª Sra. do Amparo** Av. Roberto Silveira, 150 - Centro, Cx. Postal: 90.062 CEP: 25.685 - 970 - Petrópolis - RJ Tel: (0242) 43-4031 e 42-0868.

2). **Colégio Nossa Senhora do Amparo** Rua Agamenon Magalhães, 167 Cx. P. 04 CEP: 55.750 - 970 - Surubim - PE.

3). **Colégio Nª Sra. do Amparo** Rua Padre Manuel Luiz, 46 CEP: 38.500-000 - Monte Carmelo - MG

A juventude e o sagrado

J. B. Libânio

“A volta do sagrado”, “a vingança do sagrado”, “o surto do sagrado”, estas como tantas outras expressões estão a traduzir um fenômeno real. Depois do eclipse secularizante das décadas passadas, a década de 80 acorda vestida de sagrado. E os anos 90 parecem não desmentir tal febre religiosa. E a juventude, onde se encontra?

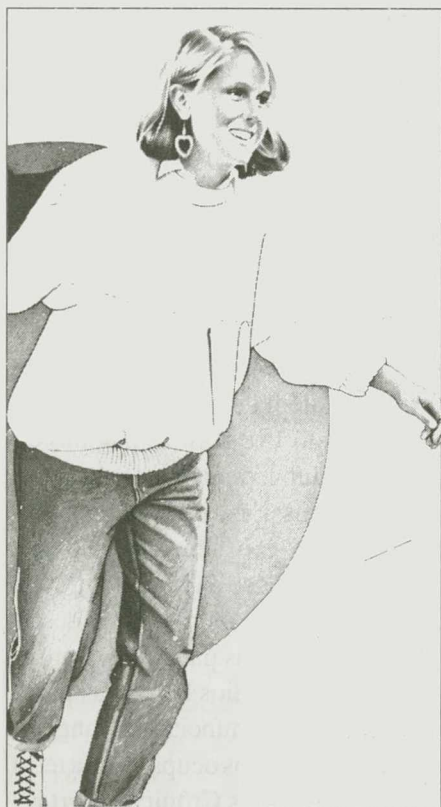
Se há algum fenômeno social, certamente a juventude refrata em si as cores diversas que o constituem. A ambigüidade e pluralidade do despertar religioso encontra nos jovens sua expressão mais clara.

O surto de religiosidade é expressão de busca autêntica da Transcendência. Quem mais que o jovem sente o dilaceramento da dupla experiência do vazio de sentido de uma sociedade consumista e hedonista, de um lado, e, de outro, a necessidade absoluta do ser humano de um horizonte mais amplo de sentido, que só se encontra em Deus. Quanto mais fundo a sociedade mergulhar no oceano infindável do materialismo dos bens de consumo, tanto mais alto a juventude ergue seu clamor pela Transcendência. Jovens lotam estádios para passar horas cantando e rezando. Peregrinam a Taizé ou a Compostela. Correm a escutar a voz do venerando Pastor da Roma. Sentam-se aos pés de gurus de sabedoria oriental à busca de uma palavra, de um sinal de que as aventuras sublunares são transitórias e desembocam num mar de definitividade para além de nossa história.

Outros equivocam-se na busca do caminho. Sofrem da mesma sede. Padecem da mesma dor. Entretanto, enveredam-se por trilhas outras. Recorrem aos atalhos que permitem fa-

zer experiências parecidas com as anteriores. Em vez de encontrar a Transcendência na oração, na contemplação, no louvor, na palavra da sabedoria religiosa, refugiam-se na química das drogas, na excitação dos ruídos eletrônicos. As experiências atuais estão proporcionando aos jovens a possibilidade de alucinações, conjugando substâncias químicas com aparelhos eletrônicos, de modo que os jovens podem iludir-se pensando que tocam as fímbrias do divino e nada mais vivem que momentos artificiais alucinantes.

Grupo certamente menor de jovens ainda consegue articular essa sede do Divino com o compromisso social. Eles captaram em profundidade o núcleo do cristianismo. O Verbo divino



se fez carne, se fez história, se fez compromisso com os homens. E é na carne da história e do compromisso que se pode encontrar com o Divino feito homem na pessoa de Jesus. Não se contentam com os oásis da experiência carismática da oração, nem buscam a ilusória compensação da droga. Nutrem-se, sim, da presença da Transcendência, mas encontrada, vivida, presencializada na luta pelo irmão, sobretudo pobre e necessitado.

São esses jovens que sobem às favelas, excursionam pelo interior pobre do país, aproximam-se do menino de rua, têm uma palavra de compreensão e de humanidade para a prostituta, encabeçam passeatas de protesto contra a corrupção das elites, enfrentam as polícias da repressão na defesa do direito ao trabalho, à moradia, à escola, a salário justo e digno, à saúde.

Enfim, ainda existe um jovem, remanescente de uma sociedade tradicional religiosa. Tende a diminuir. A religião é seu solo. Nela nasceu, nela vive e pratica-a com simplicidade, sem sofisticação, sem grandes dúvidas, sem arroubos. Tem sua beleza. A religião alimenta-lhe os gestos normais da vida.

Este arco-íris de experiência religiosa mostra mais uma vez a riqueza experiencial do mundo jovem e seu caráter de sinal manifestador das ondas profundas que agitam todo o corpo social.

João Batista Libânio é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia e Diretor na Faculdade de Teologia do CES, Belo Horizonte, MG.

Evangelização - Conceitos e confrontos

Pe Elias Leite

“Vão a todos os povos e façam que todos sejam meus discípulos: batizem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e os ensinem a obedecer tudo o que tenho mandado. E lembrem-se de que eu estarei com vocês todos os dias, até o fim dos tempos.” (Mt 28, 19-20).

“Vão pelo mundo todo e anunciem o Evangelho a toda gente. Quem crer e for batizado será salvo.” (Mc 16, 16).

“Assim como Pai me enviou eu também envio vocês.” (Jo 20, 21).

Era a missão. Missão de evangelizar. Missão da Igreja.

Por esta palavra de ordem do Mestre e missionário do Pai, é que os primeiros apóstolos e todos os seus seguidores levaram a Fé cristã aos povos pagãos da Ásia, da África e toda Europa.

Na era dos navegadores, com o descobrimento da América, amplos e desconhecidos horizontes se abriam para o mundo e, conseqüentemente para o Evangelho. Com a mesma audácia dos navegadores e o zelo ardoroso dos apóstolos pela conquista de almas para Cristo, embarcavam os missionários nas mesmas náus dos descobridores, colonizadores e aventureiros. Só o objetivo e a vida que levavam os distinguiam.

Na época, caminhavam juntos o poder temporal e a Igreja. Não se pode duvidar da sinceridade da Fé manifestada pelos soberanos de Portugal e Espanha com relação à propagação do Evangelho de Cristo. Assim, muitas vezes uniam os interesses da expansão do Reino de Deus aos interesses políticos e ambiciosos dos reinos humanos. Desacertos havidos estariam nos métodos e não nas intenções. Acreditavam agir “em nome de Deus” sem descartar, muita vez, seus

próprios nomes. Era uma mentalidade da época, contra a qual os missionários lutavam, mas não podiam se eximir. Com relação ao Brasil, basta ler os documentos jesuítas da época para constatar essa realidade histórica.

O que não se pode é culpar a Igreja como responsável pelos fatos negativos das colonizações, originárias da mentalidade socio-cultural de uma época na qual não podia a Igreja deixar de estar inserida. O confronto com a mentalidade contemporânea para julgamento, é no mínimo, desonesto. Seria como criticar a lentidão das caravelas, confrontando-as com os barcos atômicos de hoje, ou a ineficácia dos mosquetes e trabucos porque não tinham a precisão das atuais armas nucleares. A evolução do pensamento humano é que constrói a história da humanidade. Não devemos cobrar do passado, mas, tirar proveito dos seus erros como dos seus acertos, sem esquecer os heróis.

Portanto, acoimar a Igreja e seus missionários de destruir a cultura indígena, infringir-lhes os direitos humanos, praticar genocídio ou usurpar seu território, além de injusto, é fechar os olhos à história e abrir as páginas em branco de uma vaidade pessoal.

Os missionários não deixaram a civilização e o bem estar de seus países, com o risco das incertas travessias e os perigos inúmeros no desconhecido das selvas para descobrir minas de ouro ou veios de pedras preciosas, mas, para anunciar o Evangelho ao gentio como aos ocupantes da terra.

Basta ler as Crônicas, Cartas e



outros documentos históricos jesuítas e franciscanos do Brasil-colônia para verificar-se as intenções e os feitos de Anchieta, Manoel da Nóbrega, Fernão Cardim e tantos outros no desempenho de sua missão.

A defesa do indígena contra a exploração do branco foi a primeira preocupação. A criação das chamadas “reduções” para proteger a cultura de cada tribo, utilizando sua língua, danças e costumes, no exercício da catequese, são provas de uma mentalidade aculturadora dos missionários.

O Provincial jesuíta, P. Luiz de Grã (1560), ordenou expressamente que todo jesuíta no Brasil, aprendesse a língua tupi. Tarefa nada fácil pela diversidade das mesmas tribos desse grupo, com marcantes diferenças idiomáticas, de norte a sul na imensa costa atlântica.

E foi esse zelo pela Fé e obediência a seus superiores, que Anchieta

compôs já em 1556, a “Arte da Gramática da Língua mais falada na Costa do Brasil”, utilizando ainda em manuscrito, e o Padre Luiz Figueira, também jesuíta, a completou com a sua “Arte de Gramática da Língua Brasílica”, publicada em Lisboa em 1687. É de se admirar o esforço e a capacidade desses dois homens de Deus, como compor nos moldes de uma gramática latina um método de ensinar uma língua tão simples pelo seu primitivismo e ao mesmo tempo tão complexa na sua estrutura vocabular e carente de qualquer sinal gráfico.

Estas gramáticas, vocabulários, catecismos, livros e orações e outros tantos escritos na língua indígena provam o quanto respeitavam as origens culturais daquela gente e quanto esforço fizeram para preservar a língua nativa. E não fosse a desastrosa perseguição do Marquês de Pombal, provavelmente estaríamos falando hoje outro idioma.

No passar desses 500 anos de América Latina houve erros por certo, mesmo atos deploráveis. Mas, é inegável o trabalho de tanta gente na busca do desenvolvimento deste imenso Continente, cheio de belezas e de vida. Importa agora é não repetirmos os mesmos erros nem consentirmos que outros os repitam com o neocolonialismo cultural e econômico, invadindo nossas raízes, substituindo nossos valores étnicos, religiosos, artísticos, atrelando-nos aos “FMI’s” da vida, aos grandes países do chamado primeiro mundo, impedindo o nosso crescimento junto a outros povos.

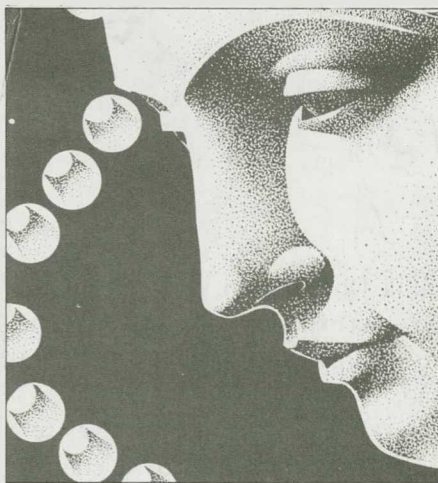
Celebrar os 500 anos da América Latina é mais refletir e dar Graças a Deus do que lamentar. É caminhar com a decisão de novos descobridores e desencadear por toda parte a força de uma Nova Evangelização.

Pe Elias Leite é sacerdote claretiano, escritor e poeta.

Maria

O feminino e o Espírito Santo

Leonardo Boff



A verdadeira oração pressupõe a fé viva. A fé, mais que adesão a verdades religiosas, importa num modo de ser, uma maneira de conduzir a existência sempre interpretada e vivida à luz do mistério de Deus especialmente como foi revelado no caminho histórico de Jesus Cristo. A pessoa de fé afirma que o centro de nosso coração não está no próprio coração, mas fora dele, em Deus, porque Deus é maior do que o nosso coração (1Jo 3, 20). Nesta excentração reside a essência da fé. Como se depreende, a fé recobre todas as dimensões da vida humana, mesmo as mais seculares. Tudo pode ser iluminado pela luz de Deus, a nossa atividade na produção e reprodução da vida no econômico e social, a vida familiar, intelectual e amorosa. Nada escapa de Deus; Ele penetra tudo, subjaz a tudo e atrai tudo. Em Deus o homem de fé vive sua vida, suporta suas tribulações, goza das parcas alegrias e acolhe o enigma da morte.

A oração traduz a suprema expressão da fé viva. Pela oração, a pes-

soa deixa, como que atrás de si o universo de todas as coisas e busca uma relação com o Supremo. Eis a manifestação da verdadeira transcendência humana. Só o ser humano pode colocar-se numa posição extática, vale dizer contemplar cara a cara Deus, gritar-lhe meu Pai! e assim ultrapassar todos os limites impostos pela criação e pela história. Nesta atitude se encontra sua suprema dignidade. Orar é um ato de coragem; supõe grandeza e dilatação do espírito e do coração para além dos tempos indefinidos e dos espaços abertos do macrocosmo. Tudo isto é demasiadamente pequeno diante de Deus e diante do impulso do coração que não diz sum! (eu sou) mais sursum (para cima)!

É por isto que os grandes orantes são profundamente humanitários e extremamente humildes. A oração os coloca acima de todas as grandezas que se apequenam diante da verdadeira grandeza de Deus. E esta grandeza de Deus é aniquilante; ela confere sentido de dignidade ao pó que se sabe pó e ao mesmo tempo se sente numa relação única com Deus; experimenta-se habitado pelo Infinito.

Por causa da descentração que supõe, a oração apresenta-se como profundamente terapêutica; sempre que rompe o círculo fechado em que se encontra e estabelece uma relação, o eu se torna mais eu e mais humano. Comungando com o Supremo se torna, de certa forma, também supremo.

Extraído do livro A Ave Maria - O feminino e o Espírito Santo, Leonardo Boff, Editora Vozes.

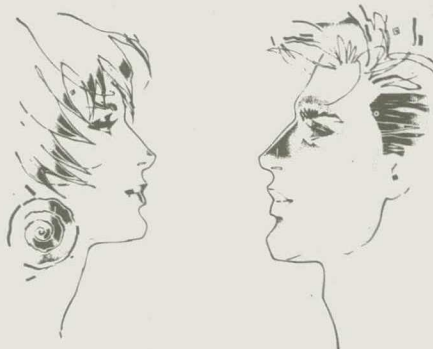
Tempo de Namoro

Aurecélia M. Finatti

Dia 12 de junho é Dia dos Namorados. Talvez para esse dia fosse interessante dizer algo. Não gostaria que o que vou dizer fosse visto como caretice, ou como fora de moda. Acredito que reflexão sobre esse tempo bonito não faz mal a ninguém. Pergunto: qual a função do namoro? Dentro da minha visão pessoal, sua função é permitir aos jovens ou não, que desejam se casar, se conhecerem melhor.

O tempo de namoro também está aí servindo para desfazer as ilusões do assim chamado "amor à primeira vista". É no seu desenvolvimento, durante seu processo que a gente sente e verifica se aquela simpatia ou atração mútua homem-mulher, moça-rapaz, sentida pela primeira vez, corresponde a uma realidade. É o tempo que os namorados que pretendem se casar vão analisar e ver se são realmente capazes de passar o resto da vida juntos. Uma coisa é passear, conversar, sair por aí de mãos dadas e outra é enfrentar as alegrias, tristezas, as dificuldades de toda uma vida de casados.

Não vejo o namoro como tempo de "experiências", pois, quem pensa assim defrontar-se-à com as primeiras decepções. Aparecerão as revoltas, as brigas, as separações, as frustrações. Desses namoros ou "experiências" vêm os filhos "indesejados", abortos, mães solteiras e por aí vai. Não vejo, por isso, o namoro como uma brincadeira, ou apenas um passa-tempo. Não se pode brincar com uma pessoa, iludi-la, decepcioná-la ou traí-la em seus sentimentos. Namoro é tempo de pensar no futuro, no casamento, na vida em fa-



mília. Do contrário, será tempo perdido, uma experiência frustrada da qual só restará revolta, inimizade e desilusão.

É tempo, repito, para ver se a vida a dois vai dar certo. Se concluir que sim, o namoro adquire dimensão de compromisso. Mas se, ao contrário, se concluir que um programa de vida a dois no futuro não vai dar certo, é tempo de sair "numa boa", conservando, apesar de tudo, a solidez de uma amizade, sem brigas ou decepções.

O que fazer com o namoro

Pode até ser que a maioria dos rapazes namore sem pensar em casamento ou algo mais sério. Frutos do machismo, pensam que podem namorar todas as garotas, na irresponsabilidade de quem só pensa em apenas se divertir. Esses, como machistas, no futuro também acharão que tudo é permitido para o homem e nada para a mulher.

Bem, não é necessário que se diga algo mais. Se os rapazes pensam no namoro como "diversão", as moças naturalmente podem pensar logo em casamento. Pensam que o namoro sempre deve dar certo e que o casamento é uma consequência lógica. Às

vezes confiam mais na "sorte" de um bom casamento do que namorar para melhor conhecer o seu companheiro e fazer do namoro uma verdadeira escola de conhecimento mútuo. Talvez fosse interessante não acreditar logo nas "primeiras declarações de amor". O verdadeiro amor é demonstrado ao longo do tempo por atitudes de respeito, ajuda e colaboração e não por palavras baratas e vazias. Mas uma coisa é certa: o namoro é uma preparação para um compromisso mais sério. Se não houver nenhuma decisão a respeito, não vale a pena perder tempo.

O noivado

É a continuação do namoro. Pode-se ser contra essa tradição, mas que ainda vale! Significa que os namorados já se conhecem melhor a ponto de assumirem um compromisso: vão preparar o casamento.

As alianças são o sinal que sela esse compromisso. Este não é ainda definitivo, é apenas moral. Se durante o noivado perceberem que homem e mulher, rapaz e moça "não foram feitos um para o outro", ainda é tempo. É melhor não casar do que passar o resto da vida em brigas e desentendimentos. É melhor um noivado desfeito do que um casamento frustrado.

Não se pode ter certeza de um casamento feliz. Casamento não é loteria. É um compromisso de amor. Se este existe de verdade, ele saberá vencer a tudo. Só o amor forte é capaz de resistir ao tempo, às dificuldades, aos contratemplos. E ele começa a se preparar no tempo de namoro. Daí, eu dizer que esse tempo é muito sério. Isso, se alguém leva a vida a sério.

QUERIDO LEITOR

Estamos possibilitando ao leitor nesta seção colecionar receitas sob duas categorias energéticas. Na primeira parte receitas com mais calorias, em outra, receitas com menos calorias. Para compreender melhor estas duas categorias devemos conhecer os significados dos termos caloria e metabolismo. Caloria é a unidade de energia contida no alimento. O nosso combustível. Metabolismo refere-se a queima dessas calorias. Quanto maior a quantidade de caloria assimilada pelo nosso corpo maior a quantidade de energia armazenada. Para perder peso deve-se ingerir menos calorias e aumentar a atividade. Por outro lado, comer menos calorias não quer dizer comer mal, ou pouco. Isso é o que demonstraremos com estas diversidades de receitas.

RECEITAS COM MAIS CALORIAS

Junho (a base de judias, grãos)

**Comida fria**

Salada de feijão (4 porções)

Ingredientes:

- 1 e 1/2 xícara (chá) de feijão cariouinha
- 2 cebolas médias picadinhas
- 1/2 maço de coentro ou salsa picadinha
- 3 dentes de alho picados
- 2 colheres (sopa) de pimentão (verde) picadinho
- 1/2 xícara de caldo de limão
- 2 colheres (sopa) de azeite
- Sal e pimenta a gosto

Modo de preparar:

1. Na véspera, coloque de molho o feijão (limpo)
2. Cozinhe-o na panela de pressão por mais ou menos 20 min. (até ficar bem cozido).
3. Escorra-o (se quiser guarde o caldo para fazer sopas).
4. Deixe-o esfriar o coloque-o numa tigela e despeje o restante dos ingredientes, tempere a gosto.
5. Cubra-o com filme plástico e leve à geladeira por mais ou menos 1 hora antes de servir.
6. Pode se comer só ou acompanhado de batatas cozidas, salada de tomate ou de sua preferência.

Comida quente

Grão de bico com lingüiça calabreza (6 a 8 porções)

Ingredientes:

- 1/2 quilo de grão de bico
- 2 lingüiças calabreza
- 2 cebolas e meia picadas
- 4 dentes de alho picados
- 5 colheres (sopa) de colorau, 1/4 (pac.) de banha.

Sal e pimenta a gosto

Modo de preparar:

1. Na véspera coloque de molho o grão de bico
2. Cozinhe-o na panela de pressão por mais ou menos 30 min.
3. Retire-o do fogo, e deixe esfriar sem destampar enquanto prepara o resto dos ingredientes.
4. Numa frigideira funda coloque a banha para derreter, quando ficar bem quente, frite a cebola e o alho, agregue também a lingüiça picada em rodelas finas.
5. Quando tudo estiver bem cozido agregue então o colorau, o sal e a pimenta, e à esta fritura uma xícara (chá) de água fria.
6. Abra a panela de pressão e despeje sobre ela os ingredientes da fritura, mexa com uma colher de pau, até ficar bem misturados, leve ao fogo sem a tampa por mais uns 10 min. (aprox.)
7. Pode se comer sozinho (como sopa) ou acompanhado de arroz.

Sobremesa

Ameixas em calda (4 porções)

Ingredientes:

- 8 ameixas frescas.
- 1 e 1/2 xícara (chá) de açúcar (300g).
- 1/2 xícara de chá de água.
- 1 colher de chá de extrato de baunilha.
- 4 cravos

Modo de preparar:

1. Lave as ameixas, corte-as ao meio e tire o caroço com cuidado, sem arrebentar as ameixas.
2. Numa panela, misture o açúcar com a água, a baunilha e o cravo e leve ao fogo brando, mexendo com colher de pau até dissolver o açúcar.

3. Pare de mexer e continue o cozimento em fogo brando por mais uns 5 min.
4. Junte as ameixas e cozinhe por 3 min.
5. Tire do fogo deixe esfriar e sirva em taças, pode acompanhá-las se quiser com sorvete de baunilha ou creme.

RECEITAS COM MENOS CALORIAS

Comida fria

Sanduíche de feijão (4 porções)

Ingredientes:

- 240 g de feijão mulatinho cozido e escorrido.
- 1/2 xícara de chá de cebola picadinha,
- 1 colher de sopa de vinagre branco,
- 1 pitada de pimenta malagueta.
- 2 colheres (sopa) de mostarda.
- 3 colheres (sopa) de queijo ralado.
- 8 fatias de pão integral.

Modo de preparar:

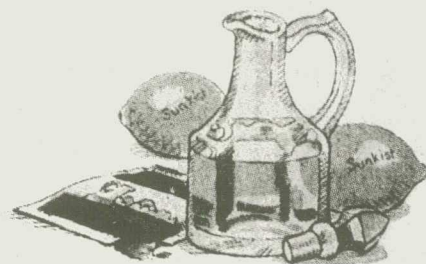
1. Numa tigela junte o feijão, a cebola, o vinagre, a pimenta e a mostarda, amasse bem.
2. Adicione o queijo.
3. Cubra com filme plástico e leve à geladeira para descansar por uma hora.
4. Na hora de servir passe-o no pão como se fosse um patê.

Comida quente

Sopa de lentilhas (4 porções)

Ingredientes:

- 720 g de lentilha cozida e escorrida.
- 1 cebola média picada.
- 4 xícaras (chá) do caldo da lentilha, se faltar adicione água.
- 2 dentes de alho picados.
- 1/2 xícara de coentro ou salsa picada.
- 1 cubinho de caldo de carne.
- 2 xícaras (chá) de folhas de espinafre picadas um pouco mais grossa do que a couve (de feijoada).
- Folhas de loro.
- Sal e pimenta do reino a gosto.



Modo de preparar:

1. 1 hora antes coloque de molho a lentilha limpa.
2. Passada a hora cozinhe a lentilha numa panela de pressão por 40 min. (aprox.)
3. Coloque todos os temperos inclusive o espinafre; adicione mais água se necessário e cozinhe por mais uns 10 min (aprox.)
4. Sirva bem quente.

Sobremesa

Pudim de leite (4 porções)

Ingredientes:

- 4 ovos.
- 4 xícaras (chá) de leite desnatado.
- 2 colheres (sopa) de essência de baunilha.
- Adoçante a gosto (aspartame).

Modo de preparar:

1. Bata todos os ingredientes no liquidificador.
2. Leve ao forno moderado em banho-maria, até firmar (para comprovar use um palito).
3. Despeje-o numa forma refratária untada.

Essas receitas foram elaboradas e testadas por Paulina Alzamora Leyton Juliani.

A humildade do homem que fundou o "AA"

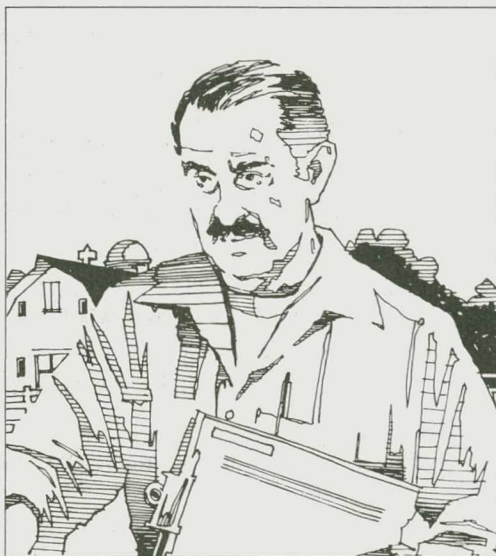
Donald Lazo

As pessoas que conheciam Bill Wilson, o corretor da Bolsa de Nova York que iniciou o movimento de Alcoólicos Anônimos (AA), dizem que foi o homem mais autenticamente humilde que jamais conheceram. Um episódio pouco conhecido de sua vida tende a confirmar o elogio.

Dez a quinze anos após a criação do AA, quando a irmandade já havia comprovado sua validade dentro dos EUA mas ainda era bastante desconhecida fora do país, a revista TIME decidiu fazer um artigo de capa sobre a organização. A única exigência da revista era que o rosto de Bill aparecesse na capa da revista. Sabendo que o AA pede aos grandes meios de comunicação (revista, jornais, radio, televisão, filmes) para não revelarem os nomes integrais dos membros vivos de AA, a TIME estava disposta a colocar apenas "Bill W." ao invés de Bill Wilson debaixo de seu rosto na capa (Bill faleceu em 1971, portanto agora podemos revelar seu nome todo). Mas, se ele não concordasse com isso, disseram que não fariam o artigo.

Convém explicar que o princípio do anonimato é o princípio espiritual mais sagrado do AA. Embora, no início, a manutenção do anonimato dos membros de AA servia para protegê-los do estigma injusto que pairava sobre os portadores da doença do alcoolismo, essa proteção nunca foi a razão principal do anonimato em AA. A idéia básica do anonimato é que os membros de AA devem se

dispor a ajudar todo alcoólatra necessitado sem pedir, em troca, qualquer recompensa, sequer a recompensa do prestígio que adviria quando outros soubessem da ajuda abnegada. Considera-se, em AA, que os associados devem trabalhar em benefício dos outros sigilosamente, ou seja anonimamente, sem fazer alarde de suas boas



obras. Basta que Deus saiba o que fazem. Daí a maior razão de não identificar os membros de AA nos grandes meios de comunicação (onde uma pessoa se pode tornar conhecida por milhares de outras com uma única reportagem). Considera-se injusto que um membro ganhe para si todo o prestígio que a irmandade tenha adquirido através dos anos.

Qualquer membro pode revelar, onde bem entender, que é um

alcoólatra recuperado (ou "em recuperação", como alguns AAs gostam de dizer), mas não pode, nos grandes meios de comunicação, revelar que é membro de AA.

Ora, quebra-se o anonimato do membro de Alcoólicos Anônimos a partir do momento que ele é identificado com tal, e isto pode ser feito não só reportando seu nome por completo mas mostrando o seu rosto. Em outras palavras, o que a revista TIME estava exigindo, para fazer o artigo de capa sobre o AA, era que Bill Wilson, cofundador, violasse o princípio do anonimato ao permitir que seu rosto aparecesse na capa da revista.

Ao considerar a exigência, Wilson foi obrigado a analisar ambos os lados da oferta. Se aceitasse, sabia que o artigo de capa, numa revista de tamanha penetração mundial como a TIME, levaria o nome e a solução de AA para centenas de milhares de alcoólatras que, na ausência do artigo, fatalmente acabariam morrendo da doença. Por outro lado, aceitar as condições exigidas pela TIME significaria violar o princípio espiritual mais respeitado pela irmandade de Alcoólicos Anônimos: que, para se manter sóbrio com a ajuda de Deus, bastava que um alcoólatra se colocasse ao serviço de outros alcoólatras necessitados, sem cobrar e sem sequer aparecer.

Bill Wilson deve ter sido uma

das pouquíssimas pessoas neste século, talvez a única, a ser convidada a aparecer na capa da TIME... e a recusar. Após pesar as alternativas, ele conclui que o princípio espiritual do anonimato, baseado como é num ato de humildade, era mais importante que as vidas de centenas de milhares de alcoólatras. Embora longe de ser a única amostra de sua humilde (Wilson também recusou ser pessoalmente homenageado com um diploma honorário da prestigiosa Universidade de Yale, achando que a honra cabia a Alcoólicos Anônimos como um todo), a sua decisão de não aparecer na capa de TIME talvez foi o melhor exemplo de humildade que Bill mostrou quando vivo. Pois, nessa decisão, ele havia seguido as palavras de São Mateus:

Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa.

Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita; para que a tua esmola fique em secreto, e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

Donald Lazo é sociólogo pela "universidade de Yale (EUA). Diretor da Comj nidade Terapêutica da Chácara Reindal.



CHÁCARA REINDAL
Especializada em
alcooolismo

*Sua melhor chance de se
recuperar do alcooolismo, e
iniciar uma vida nova,
produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

Ide e Evangelizai

“Partiam e pregavam para que todos se convertessem” (Mc. 6, 12)

Geraldo de Araújo Lima



Jesus se preocupou em treinar os seus discípulos. Isto constatamos em Mc. 6, 6-13. Hoje, para se formar um sacerdote, leva-se muito tempo; Jesus, entretanto, dispôs de apenas dois anos e alguns meses para isso. Mas Ele dispunha de mais recursos que os mestres humanos!

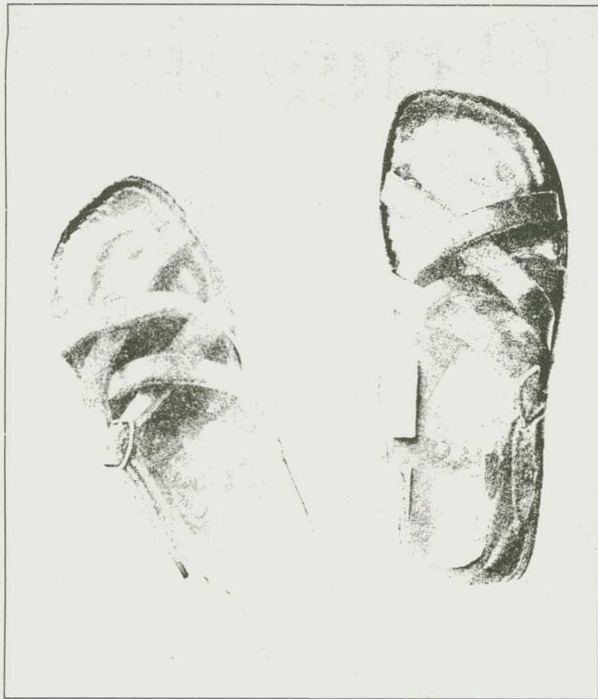
O primeiro ano da vida pública de Jesus esteve voltada para a pregação às massas. Os Evangelhos Sinóticos (Mt, Mc e Lc), destacam seu trabalho com o povo. A partir do segundo ano, o Mestre abandonou em grande parte as multidões e se dedicou mais a um trabalho de aprofundamento com os discípulos. E Marcos diz até várias vezes, que Ele percorria certos territórios e não queria que ninguém soubesse, porque estava instruindo os seus apóstolos (Mc. 9, 30-31). E Cristo esclareceu, quando vai explicar as parábolas em particular: “A vós, foi dado o mistério do Reino de Deus; aos de fora, porém, tudo acontece em parábolas” (Mc. 4, 11).

Aos discípulos cabia a missão de transmitir a mensagem do Reino de Deus; portanto, deveriam ter um preparo especial, diferente dos demais. E Jesus precisou confirmar esse preparo.

Para isso, enviou os discípulos numa missão de treinamento. Em Lc. 9, 1-6 está dito que Ele primeiro envia os doze apóstolos, e em Lc. 10, 1-20, numa segunda etapa, enviou o segundo escalão, composto pelos setenta e dois discípulos. Marcos e Mateus só se preocupam em relatar o envio dos Doze.

No encaminhamento dos discípulos para a missão de treinamento, Jesus diz que eles teriam autoridade sobre os espíritos impuros (Mc. 6, 7). Mas, depois, Cristo esclareceu ao grupo que essa autoridade vem de fora, mas ao mesmo tempo de dentro: a autoridade é conferida por um mandato superior, mas também é adquirida por uma vivência interior. Num determinado momento Marcos diz que eles tentaram expulsar o demônio de um rapaz e não conseguiram. Perguntaram a Jesus: “Por que não pudemos expulsá-lo?” “E Jesus respondeu: “E há uma espécie de demônio que só sai com muita oração e muito jejum” (cfr. Mc 9, 28-29). Ou seja: exige-se uma vida de entrega, uma vida de ascese. Não basta receber autoridade de Deus; é preciso que aquela autoridade que vem de cima para baixo seja confirmada de baixo para cima, ou de dentro para fora, pela nossa vida de fé.

É importante destacar de que modo Jesus envia seus discípulos para a missão evangelizadora. Não devemos esquecer que os soldados enviados para a Guerra do Golfo Pérsico, em 1991, levavam muitos apetrechos. Além de toda a sofisticação das armas, dos aviões, dos mísseis, eles ainda carregavam muita bagagem para enfrentar a batalha. E os apóstolos de Cristo, que partem para uma conquista bem maior do que aquela do Iraque ou do Kuwait, que é a conquista do mundo, vão completamente desarmados. Até os elementos básicos que todo mundo deve levar em qualquer missão, eles não levam. Não podem levar dinheiro, não



podem levar sequer uma muda de roupa; apenas um bastão para se apoiar e as sandálias, porque andar descalço no solo pedregoso da Palestina poderia atrasar a viagem (Mc. 6, 8-9). Então, a única bagagem é: uma túnica só, um par de sandálias e um cajado. Aliás, na versão de Mateus restou apenas a túnica; foram “cassados” até cajado e sandália (Mt. 10, 10)! E o resto? E o planejamento? E os acessórios? E os audiovisuais etc. etc.?

Talvez por influência da tecnologia, cheguemos a pensar que evangelizar é estar munido de instrumentos. E quanto mais sofisticados os instrumentos, mais perfeita será a ação e mais completa a evangelização. Cristo acha que é o contrário: quanto menos bagagem, melhor será a evangelização. E difícil penetrar nessa lógica divina, porque quanto mais coisas temos, mais tendemos a confiar nelas; e à luz do Cristianismo, quanto menos coisas possuímos, mais confiamos em Deus, mais fortalecida fica a nossa fé.

A missão de pregar o Evangelho deve ter uma única bagagem: a confiança em Deus, porque a tarefa é d'Ele, e o nosso papel é de sermos testemunhas. Para isso, o envio sempre é de

dois a dois. A explicação está em Deut. 19, 15: “Só vale o testamento de duas ou mais pessoas, o de uma só não vale”. Aliás, é como diz Santo Agostinho: “Se o maior e único mandamento é o amor, só poderá existir a caridade se houver mais de uma pessoa; e isto até mesmo no âmbito divino. Eis porque Deus, sendo amor, tem que ser trino. Assim, para se viver o mandamento do amor, são necessárias pelo menos duas pessoas.

E saem dois a dois a pregar pelo mundo a fora, sem experiência, sem recursos, apenas confiando.

Madre Teresa de Calcutá é um exemplo disso. Em uma entrevista, perguntaram-lhe como se sentia em sua missão; ao que respondeu: “Sinto-me apenas como um lápis nas mãos de Deus”. Não é nem uma caneta, é um lápis! Perguntaram-lhe o que achava do passado, e ela disse: “O passado não mais existe, já passou”. Perguntaram-lhe como via o seu futuro, e ela respondeu: “O futuro ainda não chegou, portanto não existe”. Só pensa no presente, só pensa no agora totalmente entregue a Deus. E aquela figura frágil, que com um sopro pode ser derrubada, chama a atenção do mundo inteiro, sem possuir absolutamente nada. Apenas se entregando e confiando. E isso que Deus quer de nós, e nós achamos tão difícil de realizar.

Aos missionários em treinamento foi dada outra recomendação: “Ao chegarem em alguma cidade permaneçam na primeira casa que lhe oferecer hospedagem. E se acontecer de a hospedagem não ser boa (o colchão for ruim, a comida salgada, etc), não saiam para outra casa. Fiquem lá mesmos”. E espontaneidade, é entrega to-

tal, mesmo com desconforto. Cristo ainda orienta: “Se a localidade não receber a mensagem, não se preocupem porque vocês fizeram a sua parte. Basta apenas que sacudam o pó das sandálias lá mesmo, como testemunho contra eles” (Cfr. Mc. 6, 10-11).

Semelhante caso aconteceu com Paulo e Barnabé. Quando foram expulsos do território de Antioquia da Pisídia, “sacudiram a poeira dos pés contra eles” (At. 13, 50-51). Apesar de os Evangelhos ainda não estarem escritos naquela época, a palavra de Cristo já havia sido anunciada e estava bem gravada na memória e nos corações.

Poderíamos perguntar: Qual a finalidade de os discípulos saírem em missão de evangelização? Para que isso? Bem, eles “partiam e pregavam para que todos se convertessem” (Mc. 6, 12).

Quando Cristo começou a pregar às multidões, a sua pregação básica era: “Cumpru-se o tempo, o Reino de Deus está próximo, arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc. 1, 15). Quando Cristo chamou os seus discípulos, é para pregar a mesma coisa; o núcleo central da pregação é a conversão. Depois da ressurreição de Cristo, entretanto, o núcleo central da pregação vai ser a própria pessoa de Jesus. “Foi assim que Filipe, tendo descido a uma cidade da Samaria, a eles proclamava o Cristo” (At. 8, 5). E o Cristo, dizia Paulo, “é este Jesus que eu vos anuncio” (At. 17, 3).

Aliás, foi para esta mesma missão que todos nós fomos convocados: “Vós sereis Minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia, na Samaria, e até os confins da terra” (At. 1, 8)!

Geraldo de Araújo Lima é sacerdote, mestre em teologia bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino, em Roma e Prior do Convento dos Frades Carmelitas em Piedade, Jaboatão do Guararapes — PE.

Católicos do Oriente

Reginaldo Alves de Sá

Nem todos os católicos do Oriente são católicos orientais. Esta designação é reservada aos cristãos, oriundos das Igrejas orientais, que se uniram a Roma. Os católicos que não pertencem a nenhuma Igreja oriental são chamados no Oriente, "latinos".

Os católicos orientais unidos a Roma guardam a liturgia, as tradições e o direito da sua Igreja de origem.

Até o século V todos os cristãos eram católicos, no sentido próprio da palavra: professavam todos a mesma fé expressa nas mesmas fórmulas dogmáticas e vivida segundo tradições diversas. Os que alteravam as fórmulas dogmáticas eram declarados hereges e assim excluídos da Igreja. Foi o que aconteceu, por exemplo, no século IV, com os arianos.

No século V surgiram vivas discussões a respeito da natureza de Cristo e o Concílio de Calcedônia, reunido para debater a questão, proclamou, em 451, como verdade de fé, a doutrina segundo a qual há em Cristo uma só pessoa, a divina, e duas naturezas, a divina e a humana. As Igrejas do Egito, da Síria e da Armênia não reconheceram esse Concílio e separaram-se das demais, constituindo o grupo das Igrejas monofisitas, assim chamadas por afirmarem haver em Cristo uma só natureza, a divina.

No ano de 486 a Igreja da Pérsia adota o nestorianismo, isto é a doutrina de Nestório, arcebispo de Constantinopla que negava a Maria o título de Mãe de Deus, chamando-a apenas de Mãe de Cristo. Condenado no Concílio de Efeso, Nestório foi deposto de sua sede episcopal e morreu no Egito em 451. Ele não fundou nenhuma Igreja e foi depois da sua morte que a Igreja da Pérsia se tornou nestoriana.

No dia 16 de julho de 1054 consumou-se o Grande Cisma, que foi a separação da Igreja de Constantinopla da Igreja de Roma e desde então a Igreja de Roma ficou sendo católica e a de Constantinopla reivindicou para si o título de ortodoxa.

Ficaram com a Igreja de

Constantinopla os povos por ela evangelizados: ucranianos, russos, romenos, búlgaros e sérvios, assim como os melquitas do Oriente Médio.

Como se vê, todas as Igrejas do Oriente estavam separadas de Roma, com exceção provavelmente da Igreja Maronita, que pertence ao grupo das Igrejas de rito siríaco, mas que, vítima de perseguições, ficou sempre à margem tanto dos siríacos quanto dos bizantinos. Nunca se separou oficialmente de Roma e na ocasião das cruzadas, em contato com os ocidentais, aderiu plenamente à Igreja católica.

O primeiro movimento de reunião de ortodoxos com Roma ocorreu na Ucrânia, onde o sínodo de Berest proclamou a união a 8 de outubro de 1569. Os ucranianos unidos foram chamados gregos católicos, mas os ortodoxos lhes deram, com uma nota depreciativa, o nome de "uniatas".

Em 1445 o metropolita dos nestorianos da ilha de Chipre fez a união com Roma e os seus fiéis receberam o nome de "caldeus".

No século XVIII missionários católicos começaram um trabalho de aproximação com ortodoxos na Síria, no Líbano, na Palestina e no Egito, o que deu origem às comunidades melquita católica, síria católica e copta católica.

Um pouco antes, um trabalho similar, no império otomano, junto dos armênios, foi o começo da Igreja armênia católica.

Vemos assim que todas as Igrejas orientais têm dois ramos: um ortodoxo e outro católico e só a Igreja maronita, que é inteiramente católica, faz exceção a essa regra. Seja dito também que a apelação "ortodoxa", que designa atualmente todas as Igrejas orientais separadas de Roma e se generalizou definitivamente, é abusiva, pois que o nome de ortodoxa era a designação privativa da Igreja de Constantinopla, e daquelas que tinham sido evangelizadas por ela e a seguiram na



separação.

Os católicos orientais foram freqüentemente vítimas de perseguição, não só da parte dos não-cristãos, mas também das Igrejas de que se separaram. O movimento ecumênico oficializado pelo Concílio Vaticano II deu grandes esperanças quanto à possível reunião de todas as Igrejas e muitos esperavam que as Igrejas católicas orientais poderiam exercer nesse campo uma atividade eficaz enquanto "pontes" entre ortodoxos e católicos. Mas essas esperanças se mostraram ilusórias, porque os ortodoxos raramente consentiram em dialogar com os católicos do seu rito, que sempre consideraram como transfugas. Uma crise extremamente grave existe, neste momento, entre católicos e ortodoxos de rito bizantino na Ucrânia.

Os católicos latinos, isto é os ocidentais foram sempre minorias estrangeiras no Oriente Médio, embora um certo número de ortodoxos da Palestina tenha passado para a Igreja ocidental. Foram sempre pouco numerosos e além disso diminuíram sensivelmente depois da 2ª Guerra mundial, tendo emigrado para o Ocidente.

Mas os "latinos" são ainda uma presença atuante na região por causa dos missionários e das suas instituições: colégios, hospitais, obras culturais e de assistência.

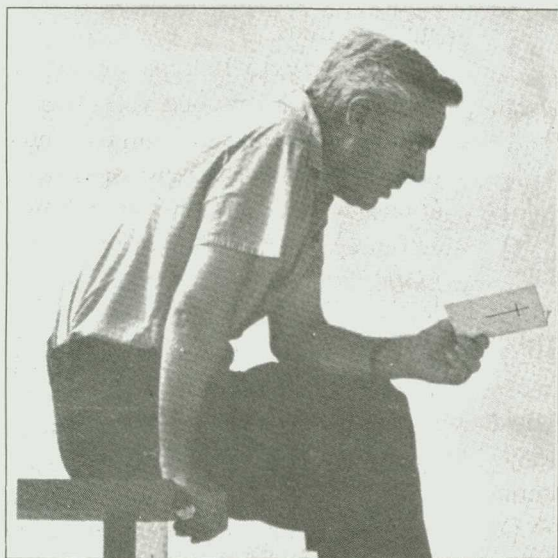
Com a situação trágica, decorrente dos incessantes conflitos que assolam a região, as perspectivas são sombrias para todos os cristãos do Oriente Médio, sejam eles ortodoxos ou católicos. A propósito de Jerusalém, já se prognosticou o desaparecimento dos cristãos dessa cidade por volta do ano mil.

Reginaldo Alves de Sá é frade dominicano, viveu mais de 30 anos no Oriente (Cairo, Istambul e Beirute); foi bibliotecário no convento dos dominicanos no Cairo

A catequese em nossos dias

(continuação)

Eugênio Pessato



V. A renovação catequética na igreja universal e no Brasil:

4. Contribuição do concílio vaticano II para a catequese:

4.1. O plano de emergência (1962):

No dia 8 de dezembro de 1961, o Papa João XXIII, em carta dirigida aos bispos latino-americanos, pedia uma ação imediata para eliminar do continente os perigos que estavam colocando em risco a fé católica.

Como primeira meta de trabalho, o Papa apontava a “evangelização e catequese”. Assim, os bispos elaboraram na Assembléia Geral em 1962, o chamado Plano de Emergência, destinado a orientar a pastoral no Brasil nos anos seguintes, o que veio realmente a proporcionar um

nodinâmismo, novas estruturas e novas possibilidades de ação catequética.

4.2. O impulso do Concílio:

A primeira resposta da Igreja do Brasil ao Concílio Vaticano II foi a elaboração do Plano de Pastoral do conjunto, aprovado em 1966, para vigorar até 1970.

O PPC caracterizou a catequese, como: o despertar da preocupação comunitária, a extensão da atividade

catequética a todos os destinatários, a multiplicidade dos “lugares” de catequese, a formação de agentes de catequese.

A influência do PPC, todo ele inspirado nos documentos do Concílio Vaticano II e numa análise mais fiel da situação brasileira, foi notável em nosso movimento catequético.

4.3. A influência da assembléia geral de Medellín:

Até 1968 nossa catequese, conservando os princípios do método de Munique e do ativismo pedagógico, concentrava-se no estudo da Igreja e do homem a partir do Vaticano II.

Os países da América Latina, entre eles o Brasil, sofrendo as pressões do regime militar, procuravam libertar-se do subdesenvolvimento e encontrar um pastoral que provocasse uma revisão fundamental dos métodos de evangelização e da catequese.

Das orientações surgidas na Semana Internacional e na Assembléia Geral da Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM), realizadas na cidade de Medellín na Colômbia, marcadas fortemente pelo interesse pelos filhos de Deus e seus prediletos, os pobres, é que surgiu a Catequese Libertadora.

Esta catequese, estava empenhada em libertar as pessoas de todo tipo de opressão e escravidão, a mensagem do Evangelho é vista como mensagem de libertação, para que aqueles que a houverem possam estar mais livre a ouvir e aderir ao apelo de Deus.

Com o que vimos até aqui, podemos perceber, que em apenas uma década muitas coisas aconteceram de importante e que influenciaram na catequese.

Contudo, sabemos também que essas transformações não ocorreram igualmente em todos os países da América Latina e nem tão pouco no Brasil.

Ainda encontramos dioceses, bispos, padres e catequistas, que dificultam o que chamamos hoje de MOBILIZAÇÃO CATEQUÉTICA, e que teve início, como vimos nessa época, ou seja na década de 60.

No próximo número veremos como a década de 70 também foi muito importante e como a catequese se fortaleceu ainda mais na sua Missão Evangelizadora.

Pe. Eugênio Pessato é sacerdote claretiano, professor de catequese em Curitiba.

CUPOM DE ASSINATURAS

• Se preferir, e morar fora da cidade de São Paulo, ligue a cobrar: Tels.: (011) 66-2128/2129

Obs.: Se você quiser dar uma assinatura de presente a alguém, teremos o maior prazer em escrever ao novo assinante, revelando quem foi a pessoa que gentilmente deu o presente. Se é este o seu desejo, basta preencher os dados abaixo, destacar e remeter para a revista Ave Maria.

Assinatura anual: Cr\$ 25.000,00

Sr. Diretor

Escrevo para lhe dizer que estou mandando de presente uma ASSINATURA da revista Ave Maria para:

Nome: _____

End.: _____

Nº _____

CEP _____

Bairro _____

Cidade _____

Assinatura _____

Est.: _____

REVISTA AVE MARIA

Escolha uma das modalidades abaixo, assinale com (X), preencha com clareza e remeta este CUPOM para: Revista Ave Maria - Rua Martim Francisco, 656 - CEP 01226 São Paulo - SP.

1 — Modalidade de Assinatura: _____

1.1 - () ASSINATURA NOVA Cr\$ 25.000,00 1.2 - () ASSINATURA RENOVAÇÃO Cr\$ 25.000,00

2 — Modalidade de Pagamento: _____

2.1 - () Estou enviando à Revista Ave Maria, anexo a este cupom, o Cheque Nominal nº: _____

Banco _____ no valor de Cr\$ _____

2.2 - () Estou remetendo por Vale Postal nº: _____ para a Agência Santa Cecília - São Paulo -

Código 403911 a quantia de Cr\$ _____ em nome da Revista AVE MARIA.

Nome: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Cidade: _____

Assinatura: _____

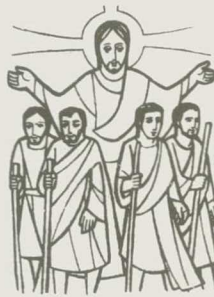
Est.: _____

ENVIADOS PARA EVANGELIZAR

**14º dom. do tempo do comum
05/07/92**

Primeira Leitura: Is 66, 10-14c.

Estamos no livro da consolação, o trito Isaias, o último capítulo. O livro de Isaias é uma coleção de oráculos proferidos em épocas diferentes:



a) O proto-Isaias cap. 1-39, é da época do profeta Isaias, século VIII A. C.

b) O dêutero-Isaias cap. 40-55, data da época do Exílio de Babilônia (589-538 A. C.) é dirigido aos judeus deportados para a Babilônia.

c) O trito-Isaias cap. 56-66, é dirigido aos judeus repatriados na Palestina, após o Exílio da Babilônia, séc. V a. C.

O conteúdo do capítulo 66, do qual foi tirado o texto de hoje, é uma invectiva de Javé contra os transgressores (vv. 1-4), seguindo com promessas de bem-estar e consolação aos fiéis (vv. 5-14) e com castigos aos inimigos de Deus (vv. 15-17), e termina convocando todos os povos para testemunhar a glória de Deus e formar um novo céu e uma nova terra.

Jerusalém é o símbolo da aliança de Deus com o seu povo, Deus habita nesta cidade, ali reúne o povo para viver a comunhão fraterna. A presença de Deus na cidade trará a paz e os bens da vida (v. 12), consola todos os filhos da humanidade (v. 13), leva-os a viver na alegria da vida humana em sua plenitude (v. 10).

Segunda leitura: Gal 6, 14-18

É a conclusão da carta. Paulo resu-

me nestes versículos os temas principais que ele desenvolveu em toda a carta:

a) No v. 14. Paulo afirma, não só para ele, mas também para todo o cristão que o único motivo da Glória (manifestação) é a cruz de Cristo. Enquanto para os judaizantes a glória estava neles mesmos. A Glória (manifestação, alegria) de Paulo apóia-se na graça de Deus.

b) No v. 15. Retoma o texto 5, 6, onde Paulo afirma que vale “é a fé agindo pela caridade”, com isto apresenta a inutilidade da circuncisão. A expressão “nova criatura” (v. 15), não é somente um novo comportamento moral, este novo comportamento expressa uma outra realidade bem mais profunda que é a mudança interior do homem, realidade bem mais profunda, a transformação ontológica realizada através do Espírito de Cristo.

c) No v. 17. Paulo encerra toda a polêmica com os judaizantes (que é tonalidade de toda esta carta). Os verdadeiros sinais do seu autêntico apostolado são “as marcas de Jesus” (v. 17). Marca é um carimbo de ferro quente com que os animais e escravos eram marcados como sinal de pertença ao seu patrão. Os sinais que Paulo tem são os inúmeros sofrimentos suportados pela causa da pregação do Evangelho.

d) No v. 18. É a saudação final, que é semelhante nas outras cartas Filp. 4, 23; 2Tim 4, 22; Fm 25: Irmãos, que a graça de nosso Senhor Jesus esteja com vosso Espírito. Amém.

Evangelho Lc 10, 1-12.

No Evangelho de Lucas há duas grandes partes, a primeira 3, 21-9, 50, apresenta atividade de Jesus na Galiléia, tendo como centro “o ano da graça do Senhor” (4, 19). A segunda descreve a viagem de Jesus para Jerusalém 9, 51-19, 27, o que Lucas salienta nesta viagem não é tanto o aspecto físico, cronológico, mas uma jornada

teológica. Neste itinerário exprime-se a conseqüência de toda prática de Jesus na Galiléia, isto é, a libertação de Jesus e da humanidade que caminham para uma entrega total nas mãos do Pai.

No início desta viagem para Jerusalém Lucas apresenta a missão dos 72 discípulos (10, 1-20) e a missão dos doze já fora mencionada em 9, 1-6 que tem seus paralelos com Mateus e Marcos. O relato de hoje é exclusivo de Lucas, compreende três partes:

- a) Instruções para a missão vv. 1-12
- b) Ameaça contra as cidades que não se convertem vv. 13-16
- c) A volta dos discípulos vv. 17-20

Os pontos centrais do Evangelho de hoje são:

1. A missão que Jesus dá a Igreja é Universal, é missão de toda a Igreja e deve dirigir-se a todos os povos. O número de 72, segundo o livro do Gênesis cap. 10 existem 72 nações no mundo. E ainda mais, o texto insistente dizendo “toda cidade de lugar”.

2. A missão dos discípulos é de serem testemunhas, isto é, devem confirmar pela Palavra (anúncio) e pela vida (exemplo) o que ouviram e viveram. A sua missão é portadora de salvação, da paz, que significa o advento das relações justas e dignas para que os homens vivam em sociedade de modo humano. (Paz, em hebraico, SHALOM, significa a plenitude das condições básicas para que o homem seja verdadeiramente humano, inclusive saúde, alimentação, liberdade...).

3. A missão é portadora de julgamento vv. 10-12, aqueles que rejeitam o anúncio dos apóstolos selam o próprio destino, porque rejeitam o amor de Deus. A expressão “sacudir o pó dos pés” (v. 11), é um gesto para mostrar a ruptura completa e definitiva.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: Dia 6 - Segunda-f.: Os 2, 16.17b-18 21-22; Sl 144, 2-3. 4-5 6-7.8-9; Mt 9, 18-26. Dia 7 - Terça-f.: Os 8, 4-7.11-13; Sl 113B, 3-4.5-6 7ab-8. 9-10; Mt 9, 32-38. Dia 8 - Quarta-f.: Os 10, 1-3.7-8.12; Sl 104, 2-3.4-5.6-7; Mt 10, 1-7. Dia 9 - Quinta-f.: Os 11, 1-4. 8c-9; Sl 79, 2ac e 3b.15-16; Mt 10, 7-15. Dia 10 - Sexta-f.: Os 14, 2-10; Sl 50, 3-4.8-9.12-13.14 e 17; Mt 10, 16-23. Dia 11 - Sábado: Is 6, 1-8; Sl 92, 1ab.1c-2.5; Mt 10, 24-33.

AMAR SEM LIMITES

15º Dom. do tempo do comum
12/07/92

Primeira leitura: Dt 30, 10-14.

Este texto pertence a uma unidade maior, o terceiro discurso de Moisés, cap. 29-30. Moisés exorta a comunidade a escutar a voz de Deus e a observar seus mandamentos e suas leis. Escutar a voz de Deus significa observar seus mandamentos e leis. De que modo isto será possível? O apelo que o autor faz é voltar ao seu Deus, ao Deus de Israel com todo o coração e com toda a alma. Para isto exige uma verdadeira conversão. Para o Israelita a única voz para ser ouvida e o único mandamento a ser seguido é a do seu Senhor, de seu Deus.

Por que toda esta insistência do autor? A resposta está na situação do exílio da Babilônia. É preciso interpretar à luz da fé as ruínas e a catástrofe da queda dos dois reinos: o do norte em 722 a. C. diante da Samaria; e o Sul em 589 a. C. diante da Babilônia. O autor deixa claro que a queda deve-se



a escuta dos outros deuses pagãos, do seguimento de seus deuses, de seus mandamentos e suas leis pelos Israelitas.

Segunda leitura: Col 1, 15-20

É uma alusão explícita à redenção, enquanto remissão dos pecados e evoca na mente do apóstolo a festa do “Kippurim” — expiação. Esta festa, a do “Kippurim”, no tempo do Novo Testamento estava unida com a festa do Ano Novo, que era um período de remissão dos pecados e de reconciliação de Israel com seu Deus.

Os cristãos da comunidade de Colossas estavam sendo seriamente tentados pelos cultos pagãos, onde se dizia que entre Deus e os homens havia uma série de mediadores, “tronos, sabedorias, principados...” (v. 16). Paulo escreve deixando claro que Jesus é o único mediador, para isto salienta duas idéias: a) Jesus ressuscitado é o Senhor do Universo; b) Jesus é a origem, o centro e o sentido da vida.

Este hino contém duas estrofes: vv. 15-18a; 18b-20. A primeira estrofe vv. 15-18a. A idéia central é Cristo como pessoa histórica e filho único de Deus feito homem. Este ser concreto e encarnado nasceu em Belém, no tempo de Herodes Lc 1-2. Ele é:

a) A imagem de Deus, enquanto reflete na natureza humana e visível a imagem do Deus invisível 2 Cor 4, 4; Heb 1, 3.

b) Como criatura é o primogênito na ordem da criação, é primazia mais de excelência e não de tempo, pois quando Cristo assumiu a humanidade, os homens já existiam. Biblicamente primogênito não é aquele que é o primeiro. Para os judeus a primogenitura supõe uma procedência dos irmãos e Pai. O primogênito é a continuação do Pai. Cristo enquanto, primogênito é: fonte, subsistência, meta de toda a criação.

c) Como sabedoria, Cristo é a imagem de Deus, no sentido de que

Ele era o Filho de Deus, e sendo Filho é a imagem perfeita do Pai, como homem fora feito à imagem e semelhança de Deus.

d) Como Deus é senhor dos astros (Gen 1), também Cristo é senhor dos anjos, é anterior a tudo e tudo de letiveram origem. Conseqüência desta afirmação é que nenhuma salvação poderá ser esperada dessas criaturas, pois apenas são criaturas. Só o Cristo por quem Deus enviou é fonte de salvação.

A segunda estrofe vv. 18b-20, mostra qual é o papel do Cristo encarnado na redenção:

a) Cristo ao ressuscitar tornou-se o princípio e fonte de salvação. Por causa de sua Ressurreição é dele que nasce e cresce uma nova humanidade, através da qual Jesus realiza o seu senhorio sobre todo o Universo.

b) Em Jesus ressuscitado a salvação vem para todos, por que Ele tem a plenitude da vida de Deus (Col 2, 9), nele reside a força que reconcilia harmoniosamente toda a criação, fazendo com que cada uma das criaturas vivam plenamente o sentido da vida.

c) Ao seu redor constitui-se uma comunidade de salvação, a Igreja e nesta comunidade Ele é a cabeça. A função de cabeça não consiste só em comandar, decidir como chefe, ela inclui ser guia, ir adiante, descobrir novos caminhos.

d) Foi pelo seu ato de amor na cruz que Jesus realizou o projeto de Deus, trazendo a vida e a paz, levando todas as coisas à submissão ao Pai, fonte e fim de toda a vida (vv. 19-20).

Evangelho: Lc 10, 25-37

Esta parábola é própria de Lucas. Procura dar resposta a esta questão: Qual é o modo certo de viver para que se concretize o verdadeiro sentido da vida humana? É um caso típico para a prática da misericórdia. No final (v. 36) apresenta três modos de viver a religião:

a) O especialista em leis, ele pensa filtrar a religião através de um código de leis, e a parábola mostra que ele deve fazer como fez o samaritano.

b) A do sacerdote e do levita, eles acreditam manifestar a sua fé no recinto do templo.

c) O samaritano, vê no seu pior inimigo, o judeu, o seu próximo, ele se solidariza. É através desta atitude que mostra a verdadeira religião.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: Dia 13 - Segunda-f.: Is 1, 10-17; Sl 49, 8-9.16bc-17.21 e 23; Mt 10, 34-11,1. Dia 14 - Terça-f.: Is 7, 1-9; Sl 47, 2-3.3b-4.5-6.7-8; Mt 11, 20-24. Dia 15 - Quarta-f.: Is 10, 5-7, 13-16; Sl 93, 5-6.7-8.9-10.14-15; Mt 11, 25-27. Dia 16 - Quinta-f.: Is 26, 7-9.12. 16-19; Sl 101, 13-14ab e 15.16-18.19-21; Mt 11, 28-30. Dia 17 - Sexta-f.: Is 38, 1-6. 21-22.7-8; Cântico: Is 38, 10.11.12abcd. 16; Mt 12, 1-8. Dia 18 - Sábado: Mq 2, 1-5; Sl 9, 22-23. 24-25.28-29.35; Mt 12, 14-21.

HOSPITALIDADE E ESCUTA DA PALAVRA

16º Domingo do tempo do comum 19/07/92

Primeira leitura: Gen 18, 1-10

Abraão é o homem ancorado na Palavra de Deus que lhe promete um novo e grandioso destino: terra e descendência (gen 12, 2; 13, 16; 15, 18). Abraão faz várias tentativas de realizar estas promessas, mas Deus não aceitou (Gen 15, 2-4), porque para Deus não precisa de subterfúgios para realizar as suas promes-



sas. A perspectiva é desanimadora, está sem terra e sem filho. Abraão e Sara são velhos, e mais, ela é estéril.

Diante desta realidade perguntase: “Será isso porventura uma coisa muito difícil para o Senhor (Gen 18, 14)”? E o texto da leitura de hoje dá a resposta. Diante de Deus o homem deve manter-se aberto na fé, esperançoso, pois Deus visita o homem de modo imprevisível (vv. 1-5), Deus é um hospede (vv. 6-8) e a resposta do homem, aberto para acolher o seu dom (vv. 9-10).

Portanto, o tema central desta leitura é a hospitalidade, a sorte dos homens é provada e decidida na hospedagem que eles dão ao Deus que se manifesta em sua vida. Para os semitas a hospitalidade é um ato de fé e religião. Os hóspedes são a própria presença de Deus no meio das pessoas. Um Deus preocupado com o mais profundo do ser humano (v. 9), o anseio pela vida.

A concretude da hospitalidade, Abraão a manifesta através de três favores prestados: a) limpeza, lavar os pés (Gen 19, 2; 24, 32; e em Lc 7, 44 Jesus reclama a falta de tal atitude por parte do fariseu; b) alimento, retaurador das energias; c) descanso. E Abraão os serviu, estava de pé junto a eles, enquanto comiam, sinal de respeito.

A concretude da hospitalidade, Abraão a manifesta através de três favores prestados: a) limpeza, lavar os pés (Gen 19, 2; 24, 32; e em Lc 7, 44 Jesus reclama a falta de tal atitude por parte do fariseu; b) alimento, retaurador das energias; c) descanso. E Abraão os serviu, estava de pé junto a eles, enquanto comiam, sinal de respeito.

Segunda leitura: Cl 1, 24-28

Da mesma forma como Jesus sofreu para estabelecer o Reino de Deus, o mesmo acontece com o Apóstolo e com aqueles que trabalham para este ideal. O cristão que sofre pela comunidade, ele está participando do sofrimento de Cristo. O versículo fundamental é o 24 “Agora eu me alegro nos meus sofrimentos.... dou cumprimento ao que falta das tribulações de Cristo...” O contexto desta frase é a pregação e o ensinamento, o sofrimento do qual Paulo fala é fruto e resultado de sua ação apostólica. A alegria de Paulo é porque mesmo prisioneiro,

pode fazer alguma coisa pela Igreja.

O sofrimento e o apostolado são duas realidades que a primeira vista não se tocam. No entanto o apostolado foi, é e será sempre motivo de sofrimento, por causa da oposição do mundo. Na vida do cristão o apostolado é uma necessidade e um dever.

A comunidade cristã sofre porque ela prolonga a missão de Jesus anunciando a Palavra que revelou o mistério do desígnio de Deus: reunir todos os homens em Jesus, destruindo o ódio e as barreiras que geram as divisões e separações (v. 25).

Evangelho: Lc 10, 38-42

O texto é próprio de Lucas. O evangelista não deixa claro em que aldeia deu-se este episódio, mas comparando com Jo 11, 1-44 trata-se de Betânia e da casa de Lázaro.

Lucas coloca este relato aqui

com uma finalidade teológica bem determinada. Há uma ligação temática entre o episódio de Marta e Maria e a parábola do bom samaritano (domingo passado Lc 10, 25-37). O mandamento do amor é duplo: a) amar a Deus; b) amar o próximo. A parábola do samaritano responde a questão do amor ao próximo. Mas o amor a Deus exige do homem que ele ouça a sua palavra divina. A palavra de Deus lhe abre o caminho para a vida eterna, é preciso estar aberto para acolher esta Palavra. O texto mostra um exemplo de disponibilidade total à Palavra.

No caminho da vida as tarefas que o homem deve cumprir são muitas, e o perigo é perder-se em preocupações do ativismo, perdendo desta forma o sentido profundo da grande tarefa da vida.

Qual é a "única coisa necessária (v. 42)"? É perceber na vida, que Jesus se manifesta como um hóspede. Não um hóspede qualquer, mas especial por isso precisa de acolhida (veja a primeira leitura deste domingo).

Alguns exegetas atuais vêem um reflexo dos dois ministérios que existiam na Igreja primitiva: a) A diakonia, o serviço da mesa; b) A liturgia, serviço da Palavra. O fato de os apóstolos escolherem o serviço da Palavra (At 6, 1ss) e a característica de Maria como verdadeira discípula (Lc 10, 39) é muito sintomático. Lucas quer frisar a importância da Palavra de Deus que transforma as opções do homem.

Portanto, não se trata de opor oração à ação. Mas em tudo, na oração e na ação Deus nos julga. É preciso unir as duas coisas e deixar-se submeter ao apelo de uma e de outra (oração e ação).

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: Dia 20 - Segunda-f.: Mq 6, 1-4.6-8; Sl 49, 5-6.8-9.16bc-17.21 e 23; Mt 12, 38-42; Dia 21 - Terça-f.: Mq 7, 14-15.18-20; Sl 84, 2-4.5-6.7-8; Mt 12, 46-50. Dia 22 - Quarta-f.: Ct 3, 1-4a ou 1Cor 5, 14-17; Sl 62, 2.3-4.5-

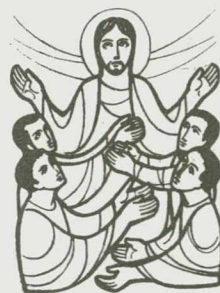
6.8-9; Jo 20, 1-2.11-18. Dia 23 - Quinta-f.: Jr 2, 1-3.7-8.12-13; Sl 35, 6-7ab. 8-9. 10-11; Mt 13, 10-17. Dia 24 - Sexta-f.: Jr 3, 14-17; Cântico: Jr 31, 10.11-12ab.13; Mt 13, 18-23. Dia 25 - Sábado: 2Cor 4, 7-15; Sl 125, 1-2ab.2cd-3.4-5.6; Mt 20, 20-28.

ORAÇÃO AO PAI: EXPRESSÃO DA CONFIANÇA DO HOMEM EM DEUS

17º Domingo do tempo do comum
26/07/92

Primeira leitura: Gen 18, 20-32

O tema deste diálogo de Abraão com Deus é o pecado de Sodoma e Gomorra. Aos poucos revelam-se quem é Deus e quem é



Abraão. Deus revela a sua grandeza e misericórdia, e do outro lado Abraão é justo, torna-se o protótipo do orante para Israel pela insistência deste diálogo.

Mas, qual é o pecado destas duas cidades? No v. 20 encontra-se a resposta: é o fruto de injustiças cometidas, são as violações da justiça. A questão fundamental que está na mente de Abraão (v. 23) "fareis o justo parecer com o ímpio? No (v. 25) não se pode tratar o justo como o ímpio". Através destas questões Abraão quer desvendar que tipo de justiça é aquela que vem de Deus? E a resposta está no v. 26 "os justos acabarão salvando os ímpios" e "Deus não veio para exterminar o justo com o ímpio".

Desta leitura sobressaem alguns pontos teológicos fundamentais:

a) A noção de Deus. Quem é



Ser Missionário

é viver a alegria da doação total. Jovem, você que está em busca de um mundo melhor, mais justo, onde todos se sintam bem, venha partilhar a aventura de ser Missionário Claretiano.

As opções são muitas:

- Missão
- Serviço Paroquial
- Educação
- Meios de Comunicação Social

Solicite informações:

01.296 - Cx.P. 54 215 - São Paulo (SP)

13.500 - Cx.P. 136 - Rio Claro (SP)

14.300 - BATATAIS (SP)

Deus? É Senhor. Ele é único e verdadeiro. Não julga sem equidade. É misericórdia.

b) A intercessão do justo. Observa-se a insistência de Abraão e a paciência generosa de Deus. O justo intercede pelos injustos.

c) A condescendência divina. Deus entra em contato íntimo com o homem, vive esta intimidade.

Segunda leitura: Col 2, 12-14

O v. 12 é fundamental, trata do tema do batismo, que deve ser compreendido como participação na morte e na ressurreição de Cristo. Na carta aos Romanos cap. 6, trata do mesmo tema, só com alguns enfoques diferentes. No nosso texto há um paralelismo bem estreito: nós morremos e ressuscitamos com Cristo. Portanto, é impossível continuar a viver sob o pecado, no batismo acontece realmente uma morte, não como experiência sensível, mas de uma experiência vivida na fé.

Evangelho: Lc 11, 2-13.

Este texto podemos dividi-lo em três partes: a) vv. 1-4 é a redação lucana da oração "Pai-nosso"; b) vv. 5-8 é uma parábola cuja finalidade é mostrar a força da oração; c) vv. 9-13 um ensinamento de Jesus sobre a eficácia da oração.

A oração é um ato de fé por excelência, não tem sentido sem a fé. Na Sagrada escritura este tema ocupa um lugar importante: os salmos são as orações do povo judeu, e as diversas orações dispersas nos livros históricos. No Novo Testamento ocupa lugar destacado, principalmente nos Evangelhos: Jesus rezou, relatam orações de Jesus e Jesus ensina sobre a oração.

Dos Evangelhos, é Lucas quem mais destaca esta temática. Nos apresenta Jesus em vários momentos em atitude de oração e só em dois momen-

tos tem paralelismo com Mateus e Marcos (o Pai-nosso e no Getsêmani). Nos momentos mais importantes da vida de Jesus, ele reza: antes do batismo 3, 1; antes da escolha dos doze apóstolos passou a noite em oração 6, 12; antes da confissão de fé de Pedro e do anúncio da Paixão Jesus reza 9, 18; na transfiguração Jesus reza 9, 28-29; antes de ensinar o Pai-nosso deu exemplo 11, 1; antes da paixão rezou por Pedro 22, 32; no getsêmani reza 22, 41-45; na cruz reza pelos inimigos 23, 34, em atitude de oração entrega o seu espírito ao Pai 23, 46 "Pai, nas tuas mãos eu entrego o meu espírito".

Observa-se que o Evangelho de Lucas começa numa hora de oração do povo judeu no templo 1, 8s e termina com uma outra hora de oração do grupo dos cristãos no mesmo templo 24, 53.

Os discípulos pedem uma orientação sobre a oração, mas pedem porque ficaram maravilhados observando Jesus rezando 11, 1. É uma das poucas vezes que os discípulos solicitam uma coisa boa, para eles Jesus se torna exemplo, querem imitá-lo. Esta exemplaridade e imitação é ressaltada por Lucas. A oração do Pai-nosso propõe: a glorificação do nome de Deus, o advento do seu reino, a doação do Pão de cada dia, remissão dos pecados, a vitória final sobre o mal. A realização de todos estes pedidos equivale a realização da salvação.

A oração começa com a invocação "Pai", "abba". Desta forma Jesus mesmo dirigiu-se a Deus na sua oração, assim os discípulos dirigem-se a Deus (Gal 4, 6; Rom 8, 15). Jesus fez os discípulos participar de sua relação com Deus. Esse trato "abba", "papai" jamais um judeu piedoso poderia fazer. Se ele quisesse tratar Deus de Pai, teria que usar a palavra "ab" ou "abi" (meu pai), que não pertencia a linguagem familiar, mas a linguagem do culto. A palavra "abba" ilustra a unicidade da relação de Jesus com

Deus. Ensinando este trato de Deus aos discípulos, Jesus os coloca numa relação de intimidade e de confiança.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: Dia 27 - Segunda-f.: Jr 13, 1-11; Cântico: Dt 32, 18-19.20.21; Mt 13, 31-35. **Dia 28 - Terça-f.:** Jr 14, 17-22; Sl 78, 8.9.11 e 13; Mt 13, 36-43. **Dia 29 - Quarta-f.:** 1Jo 4, 7-16; Sl 33, 2-3.4-5.6-7. 8-9.10-11; Jo 11, 19-27 ou Lc 10, 38-42. **Dia 30 - Quinta-f.:** Jr 18, 1-6; Sl 145, 2abc.2d-4.5-6; Mt 13, 47-53. **Dia 31 - Sexta-f.:** Jr 26, 1-9; Sl 68, 5.8-10.14; Mt 13, 54-58. **Dia 1 de agosto - Sábado:** Jr 26, 11-16.24; Sl 68, 15-16.30-31.33-34; Mt 14, 1-12.

**ASSINE A REVISTA
AVE MARIA
CAIXA POSTAL 54.215-970
São Paulo, SP**

**INSTITUTO SECULAR
MISSIONÁRIO DE
MARIA**



Atue mais fortemente como sal da terra, luz do mundo, fermento na massa, consagrando-se a Deus num Instituto Secular, continuando a viver no meio onde você está, mas pertencendo a uma família espiritual que caminha numa mesma direção.

**Informações: Instituto Secular
Missionários de Maria
Rua Eng. Fernando Mendes Ribeiro
bloco 15/203 - Jardim América
Bairro Santo Antônio
90620 PORTO ALEGRE - RS**

Salomão: opulência, decadência e morte

O longo reinado de Salomão foi em período de paz, riqueza e prosperidade; mas foram impostas altas taxas e o povo entimava pobre, os ricos eram só uns poucos. Na vida privada, as 700 esposas e 300 concubinas do rei o levaram ao afastamento de Deus e à idolatria. Surgiram descontentamentos e rebeliões e o reino dividiu-se logo após a sua morte. Encontre as palavras que se pedem e que estão nos versículos indicados em IRs cap. 10 e 11. Coloque-as no número correspondente no diagrama.

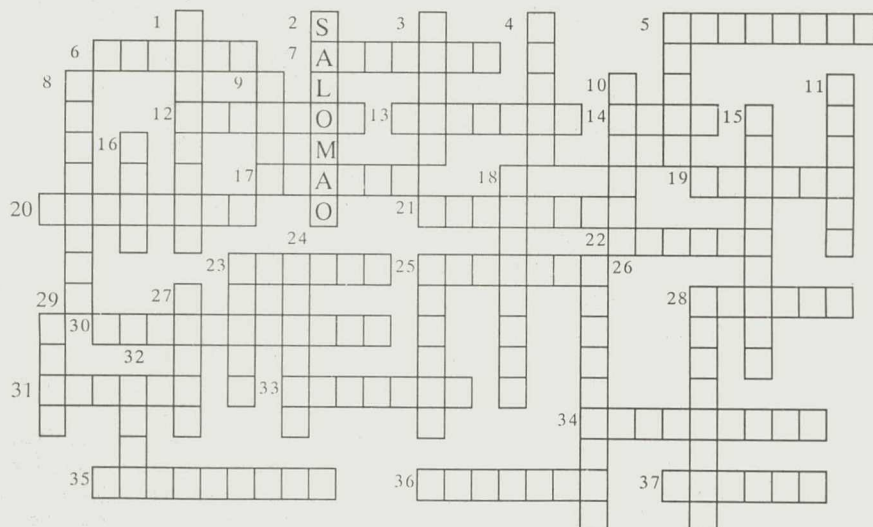
HORIZONTAIS

5. alimentos delicados e apetitosos (10, 5) _____
6. substâncias das presas dos elefantes (10, 18) _____
7. deusa da fecundidade dos sidônios (11, 5) _____
12. animais de tiro ou montaria (10, 28) _____
13. animais primatas para recreação (10, 22) _____
14. o profeta que disse a Jeroboão que ia ser rei (10, 30) _____
17. território ao 50 do reino (10, 15) _____
19. meio de transporte comum entre os hebreus: Salomão preferiu cavalos (10, 25) _____
20. carro puxado por quatro cavalos (10, 29) _____
21. O inimigo de Salomão que se tornou o 1º rei das tribos do N.: de Israel (11, 26) _____
22. serventes, criados. Na época foi muito usado o trabalho escravo (10, 5) _____
23. galináceos de belíssima plumagem criados para enfeitar jardins (10, 22) _____
25. quadrúpedes usados no deserto, para transporte (10, 2) _____
28. o mesmo que MOLOC (11, 5) _____
30. sacrifício expiatório (10, 5) _____
31. O filho de Salomão que o sucedeu no trono, mas com a cisão do reino foi rei só de Judá (11, 42) _____
33. peças que servem de enfeite ou como armas defensivas de golpes (10, 17) _____
34. riqueza, abundância, fausto (10, 7) _____
35. se diz das pedras usadas como jóias (10, 11) _____
36. madeira perfurada da Índia (10, 12) _____
37. as árvores do Líbano (10, 27) _____

VERTICAIS

1. funcionários de graduação superior (10, 5) _____
2. o Rei (11, 1) _____
3. instrumentos de ataque ou defesa (10, 25) _____
4. deus moabita (11, 7) _____
5. cavidade para extração de minérios (10, 17) _____
8. substâncias aromáticas (10, 10) _____
9. cidade ao 50 de Arábia (10, 1) _____
10. grandes embarcações, cargueiros (10, 22) _____
11. "Navios de..." para indicar navios para longas travessias (10, 22) _____
15. a Cidade de Davi (10, 2) _____
16. Deus promete a Salomão a unidade do seu reino só em quanto dure a sua (11, 12) _____
18. aqueles que atendem a mesa e a copa (10, 5) _____
23. metal precioso (Ag) (10, 21) _____
24. vestuário (pl.) (10, 25) _____
25. veículos de rodas. Os hebreus os adotaram na época de Salomão (10, 26) _____
26. espécies de figueiras das planícies da Palestina (10, 27) _____
27. deus dos amoritas a quem se ofereciam sacrifícios humanos (11, 7) _____
28. os motivos da idolatria de Salomão (11, 1) _____
29. metal precioso (Av) (10, 14) _____
32. região nas costas da Arábia, no Mar Vermelho, de onde mina o ouro (10, 11) _____

As citações são da Bíblia da Ave-Maria



Elaborado por Norma Termignoni

Você sabia?...



O Brasil é o país mais rico em biodiversidade⁽¹⁾ do mundo. Isso porque ele tem uma grande parte de sua área 8.511.955 km² coberta por florestas tropicais.

É quase um terço das florestas tropicais do mundo.

— O Brasil tem ainda o maior sistema fluvial do mundo, a Bacia Amazônica que drena 56% da área do país e é onde se situa a maior porção das florestas brasileiras.

SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA DA AMÉRICA LATINA

Fonte: CELAM (Conferência Episcopal Latina-Americana) 92

A DIVERSIDADE DE ESPÉCIES E SEUS LOCAIS PRIVILEGIADOS NO MUNDO

— BRASIL

Primeiro lugar em anfíbios — 516 espécies.

Primeiro lugar em plantas que dão flores — aproximadamente 50.000 espécies.

Terceiro lugar em pássaros — 1.622 espécies.

Quarto lugar em borboletas — 72 espécies.

Quarto lugar em mamífero — 405 espécies

Quarto lugar em répteis — 467 espécies

MÉXICO

Primeiro lugar em répteis — 717 espécies.

Segundo lugar em mamíferos — 449 espécies.

COLÔMBIA

Primeiro lugar em pássaros — 1.721 espécies.

Segundo lugar em plantas que dão flores — aproximadamente 40.000 espécies.

INDONÉSIA

Primeiro lugar em mamíferos — 515 espécies.

Primeiro lugar em borboletas — 121 espécies.

AUSTRÁLIA

Segundo lugar em répteis — 616 espécies.

(1) Biodiversidade: Interdependência e integração do conjunto de espécies de animais, plantas e microorganismos de Terra.

Fonte. OESP. 31.05.92 — P. 7

RESPOSTA:

RELENDO A BÍBLIA

Salomão:

opulência, decadência e morte.



DIVERTIMENTOS

E	H	B	B	E	L	G	I	C	A	C	D	R	O	S	A	D	C	F	H	F	A	G	R	S	O
S	C	T	R	E	F	T	V	I	H	A	G	G	H	I	L	D	O	Z	E	J	L	M	N	X	R
P	A	R	A	G	U	A	I	N	O	L	P	R	S	Q	E	A	B	R	C	S	T	O	M	U	Q
A	U	U	S	L	V	S	X	C	J	X	T	R	E	S	M	L	Z	A	H	R	Q	B	C	D	U
N	R	S	I	D	E	F	Y	O	V	G	G	N	T	E	A	I	H	Q	I	I	U	I	N	C	I
H	U	Z	L	D	O	I	S	J	L	B	O	Q	E	I	N	A	M	O	L	R	A	Q	R	R	D
A	G	W	A	Z	B	S	C	N	O	V	E	D	E	S	H	A	R	G	E	N	T	I	N	A	E
E	U	T	A	E	E	M	G	U	I	J	T	U	V	X	A	Z	Z	R	F	A	R	B	C	V	A
D	A	U	E	F	G	I	H	P	O	R	T	U	G	A	L	H	I	J	L	N	O	M	P	O	P
D	I	V	X	Z	J	L	H	O	L	A	N	D	A	Z	M	A	R	G	A	R	I	D	A	M	O

ENCONTRE NO QUADRO OS NOMES DE 10 PAÍSES, 9 NÚMEROS E 5 FLORES.

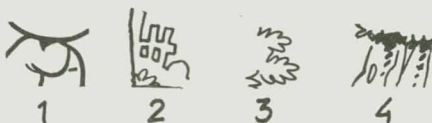


PAÍSES: ESPANHA, PARAGUAI, BRASIL, BELGICA, PORTUGAL, ARGENTINA, URUGUAI, CHILE, ALEMANHA, HOLANDA, GUAJ, MIL, DOZE, DOIS, TRÊS, SEIS, SETE, NOVE, QUATRO, CINCO, FLORES: ROSA, CRAVO, MARGARIDA, ORQUÍDEA, DALIA.

751

VOCÊ É OBSERVADOR?

ENCAIXE OS DETALHES NUMERADOS NA CENA ABAIXO.



CRUZADINHAS

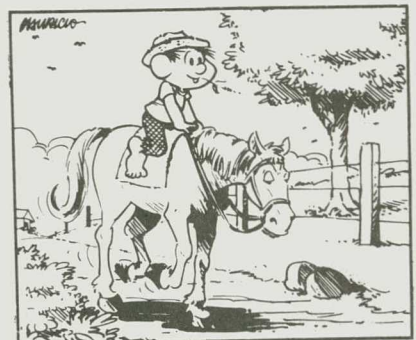
1. MASCULINO DE GATA. 2. PAIXÃO. 3. CASA DE COELHO. 4. REZAR.



1	2	3	4
2			
3			
4			

1. GATO. AMOR. 3. TOCA. 4. ORAR. SOLUÇÕES:

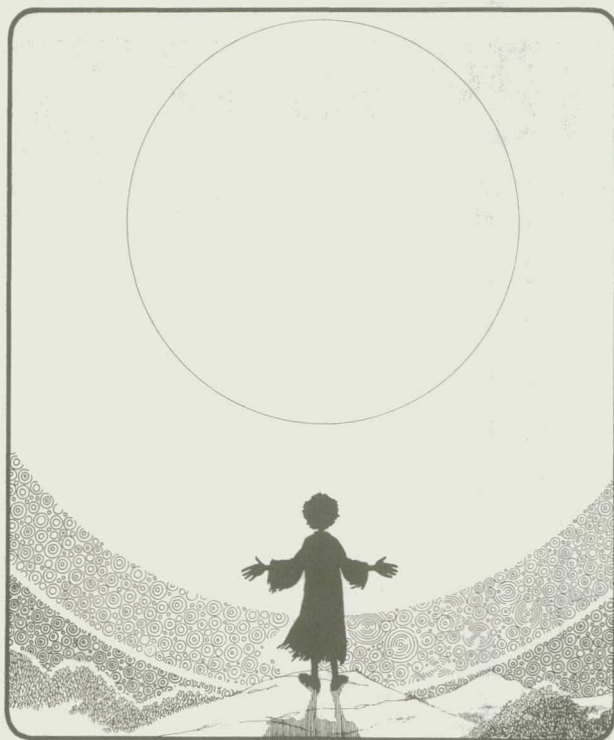
JOGO DOS SETE ERROS



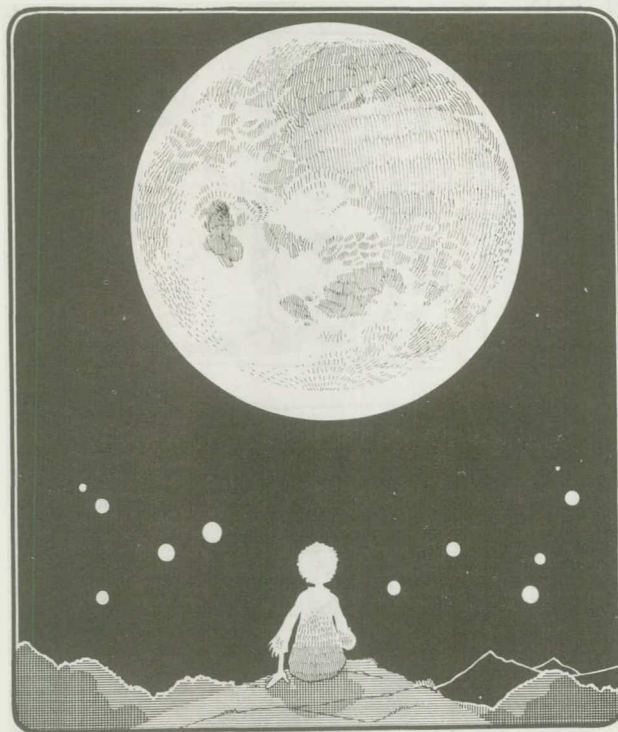
GRAVETO NA BOCA DO CHICO, PASSARO, CAUDA, BOCA E PERNA DO CAVALO, ARVORE, PEDRA.

CÂNTICO das CRIATURAS

*Altíssimo, onipotente e bom Senhor,
suas são a glória, a honra e toda bênção;
somente ao Senhor elas pertencem,
Altíssimo, e nenhum homem é digno
de cantá-lo.*



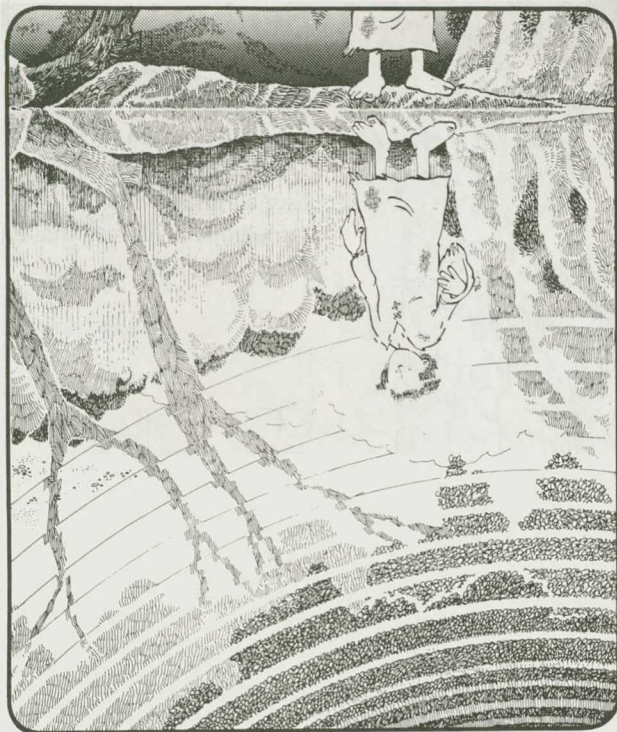
*Bendito seja, meu Senhor, por todas as suas
criaturas! Bendito seja especialmente pelo meu
irmão Sol, que nos traz o dia e nos dá a luz.
Ele é belo e radiante em todo o seu esplendor
e muito semelhante ao Senhor.*



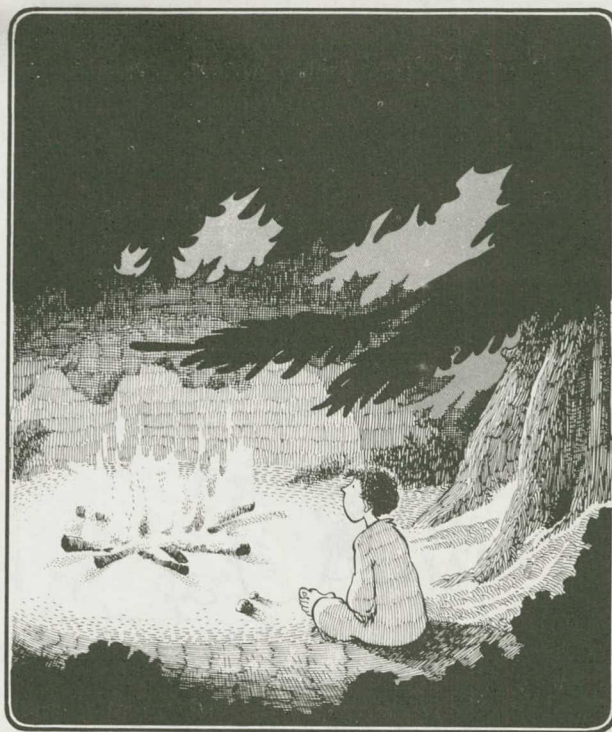
*Bendito seja, meu Senhor, pela irmã Lua
e pelas estrelas;
elas estão no céu como o Senhor as criou:
claras, brilhantes e belas.*



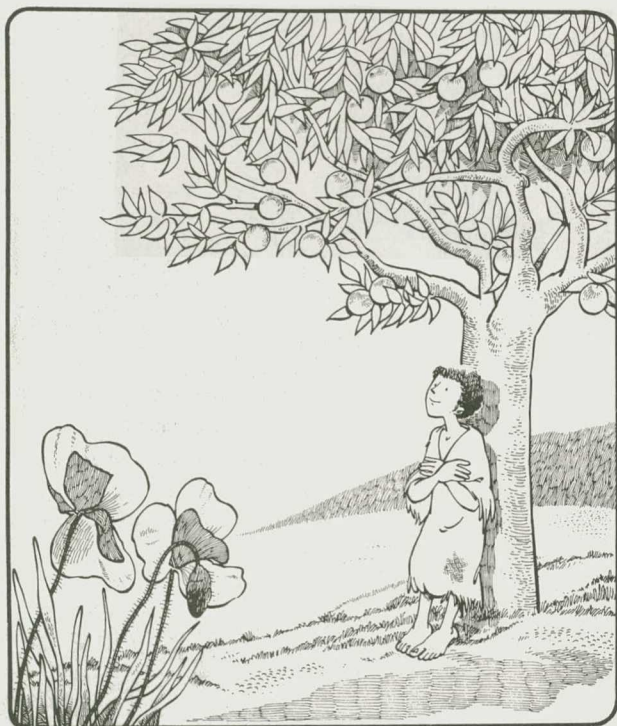
*Bendito seja, meu Senhor, pelo irmão vento,
pelo ar, pelas nuvens, pelo sereno e por qualquer
tempo, que proporcionam as suas criaturas
o próprio alimento.*



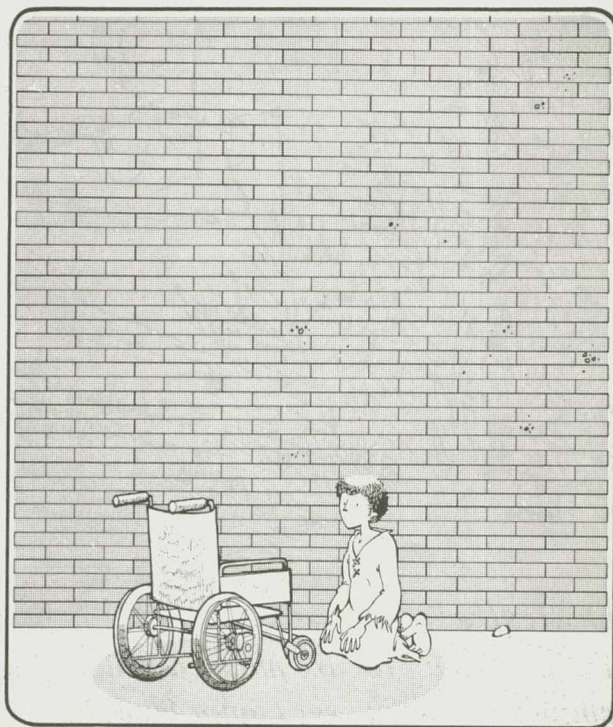
Bendito seja também, meu Senhor,
pela maravilhosa água,
que é muito útil, humilde, preciosa e pura.



Bendito seja, meu Senhor,
pelo irmão fogo, que ilumina a noite:
sempre belo, alegre, forte e vigoroso.



Bendito seja, meu Senhor, por nossa irmã,
a mãe terra, que nos sustenta e nos carrega,
produzindo frutos diversos, campos
verdejantes e flores de
cores variadas.



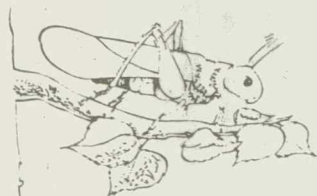
Bendito seja, meu Senhor,
por aqueles que perdoam por seu amor
e suportam tribulações e
doenças.

ORAÇÃO "ECOLÓGICA" DE SÃO FRANCISCO



Senhor!

Faça de mim
um instrumento da tua paz!
Onde houver ódio, que eu
leve o amor,
onde houver ofensa, que eu
leve o perdão,



onde houver discórdia, que
eu leve a união,
onde houver dúvidas, que eu
leve a fé,
onde houver erros, que eu
leve a verdade,



onde houver desespero, que
eu leve a esperança,
onde houver tristeza, que eu
leve a alegria,
onde houver trevas, que eu
leve a luz!



Ó Mestre!

*Faça que eu procure mais consolar que ser consolado
compreender que ser compreendido,
amar quer ser amado...*

*pois: é dando que se recebe, é perdoadando que se é perdoado
e é morrendo que se vive para a Vida Eterna.*

VEM, ESPÍRITO SANTO,



*e envia do alto do céu
um raio da Tua luz.
Vem, pai dos pobres,
doador da divina graça
e luz dos corações.
És consolo e defensor,
amável hóspede dos corações
e alívio incomparável.
És descanso no trabalho,
brisa no calor ardente*

*e consolo na aflição.
Ó ditosa luz divina,
ilumina plenamente
o coração dos teus fiéis.
Sem Ti não pode haver
em homem algum, jamais,
inocência nem bondade,
Vem livrar-nos do pecado,
obrandar nossa aridez
e curar nossa ferida.*

*Concede-nos que possamos
superar nossa obstinação,
vencer a nossa apatia
e nos guardar no bom caminho.
Aqueles que crêem em Ti
e em Ti confiam concede
os Teus sete dons sagrados.
Como prêmio da virtude,
dá-lhes a felicidade
e a alegria eterna. AMÉM.*

PROJETO EVANGELIZAÇÃO POPULAR

A Editora Ave Maria e a AM edições lançaram uma série de materiais simples, de ampla e fácil aceitação popular, que visam fornecer às pessoas que se dedicam à evangelização um método de ensino visual e ativo.

O Projeto Evangelização Popular auxilia e simplifica o trabalho de missionários, padres, religiosos, catequistas, agentes de pastoral, professores e mesmo mães e pais de família, que se proponham a EVANGELIZAR.

Trata de temas como:

- a formação cristã;
- fé;
- comunidade cristã;
- sacramentos;
- eucaristia;
- palavra de Deus;
- batismo;
- casamento;



SER CRISTÃO É FAZER O QUE JESUS FEZ

composto de:
1 fascículo de 16 páginas
1 jogo de 15 cartazes

OS MISTÉRIOS DO SANTO ROSÁRIO

composto de:
1 fascículo de 38 páginas
1 jogo de 15 cartazes

O BATISMO

composto de:
3 fascículos com 64 páginas
1 jogo de 14 cartazes

CEBs: COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

composto de:
1 fascículo de 28 páginas
1 jogo de 12 cartazes
(Textos: Teófilo Cabestrero)
(Tradução: Suely Mendes Brazão)

VIA-SACRA

composto de:
1 fascículo de 36 páginas
1 jogo de 15 cartazes

Pedidos à: AM Edições

Rua Martim Francisco, 656
01226 — São Paulo — SP
Tel: (011) 826.6111 e 825.8033
FAX (00/55/11) 825.4674

AMI

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28-05-1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 — TELS.: 66-2128 E 66-2129
CX. POSTAL: 54.215 · CEP 01.227 — SÃO PAULO · SP

PORTE PAGO
ECT - DR/SP
ISR-40 - 2837/81

IMPRESSO